

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

WANDERLEY CESAR PEDROSA

ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

FRANCA

2018

WANDERLEY CESAR PEDROSA

ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Doutor em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: trabalho e sociedade. Linha de pesquisa: Serviço Social e Mundo do Trabalho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josiani Julião Alves de Oliveira.

FRANCA-SP

2018

Pedrosa, Wanderley Cesar.

Envelhecimento e participação política/ Wanderley Cesar Pedrosa. –
Franca:

[s.n.], 2018.

84f.

Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Josiani Julião Alves de Oliveira

1 Envelhecimento. 2. Participação Política. 3. Serviço Social com
idosos I. Título.

CDD - 362.6

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Andreia Beatriz Pereira – CRB8/8773

WANDERLEY CESAR PEDROSA

ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Doutor em Serviço Social. Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade. Linha de Pesquisa: Serviço Social: Formação e trabalho profissional.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof.^a Dr.^a Josiani Julião Alves de Oliveira –FCHS/UNESP.

1^a Examinadora _____
Prof.^a Dr.^a Nanci Soares –FCHS/UNESP.

2^a Examinadora _____
Prof.^a Dr.^a Andréia Aparecida Reis de Carvalho Liporoni –FCHS/UNESP.

3^a Examinadora _____
Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Martins Kamimura – FCU – Faculdade Católica de Uberlândia.

4^a Examinadora _____
Prof.^a Dr.^a Rosimar Alves Querino – UFTM.

Franca, 13 de novembro de 2018.

Dedico este trabalho a todas as pessoas idosas da UAI.

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento do voo definitivo! Antes de voar é preciso agradecer às pessoas que contribuíram, ao longo do caminho, na construção do conhecimento.

Caminho e encontros que possibilitaram mergulhar na aventura de alçar voos rumo ao desconhecido, onde encontramos outras pessoas com o mesmo desejo de se libertar das algemas que nos aprisionam, na perspectiva de superação das contradições estabelecidas pela sociedade burguesa e, no mais alto dos voos, mergulhar em águas profundas para poder se desprender das mazelas que a sociedade impõe sobre cada cidadão, e depois subir ao mais alto da montanha da *práxis* para o tão esperado encontro definitivo com a liberdade da construção do conhecimento científico: a tese de doutorado em Serviço Social.

No caminho, várias pessoas foram importantes!

É momento de encerrar mais um ciclo de formação profissional e agradecer pela caminhada.

Como dizia Santa Bahkita, é preciso agradecer o “Patrão de tudo isso” Deus!

Agradeço minha família: minha mãe Sirlei Pedrosa, meu irmão Elcio W. F. Pedrosa, minha cunhada Iliani Dorio Silva, minhas sobrinhas Pâmela Gabriele S. Pedrosa e Inaili Silva.

Lucas Hernane Andrade Leonel, muito obrigado pelo apoio incondicional nos diversos momentos da construção do conhecimento, sua contribuição foi fundamental.

Muito obrigado Lilian Cristina Viscone da Silva, Adelisandra da Silva Santos Castelhana e Adriana Cristina Silva pelo carinho e amizade de sempre.

Obrigado Adriana Aparecida Ferreira, Paula Ragavani e Denise Gisele Silva Costa, pelas buscas de informações e entregas de documentos na secção de Pós-graduação.

Agradeço ao Mauro Lúcio Ferreira e ao Erick Cursino Vivan, secretários da Pós-graduação, sempre disponíveis, prestativos e atenciosos em todos os momentos!

Padre Geraldo, dos Reis Maia, muito obrigado pela contribuição, traduzindo os resumos para o Espanhol e Italiano, que Deus o abençoe sempre!

Aos sujeitos da pesquisa que foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

Adriano Correia, Márcio Antonangelo e Giovana Andrade muito obrigado pelo apoio durante todo o processo de investigação.

Sálvea de Oliveira Campelo e Paiva, Nanci Soares, Josiani Julião Alves de Oliveira, Célia Maria David, Helen Barbosa Raiz Engler e Jussara Ayres Bourguignon, obrigado pelo conhecimento compartilhado nas aulas.

E por fim, agradeço à Prof.^a Dr.^a Josiani Julião pela amizade, pelo carinho, pelo respeito, pela cumplicidade, pelas orientações e desorientações necessárias para o meu crescimento pessoal e profissional. Muito obrigado por tudo!

FÉRIAS PARA A VELHICE

Vou dar férias pra minha velhice...
Abrir com minhas mãos portas e janelas.

Pintar o arco-íris de outras cores...
Ser atrevida, destemida e abusada.

Jogar fora a coleira da obrigação
Me vestir do avesso e vou descobrir o melhor ou o pior da minha
última colheita.

Comigo apenas o meu dia e as minhas escolhas
Ficar de frente com a minha nudez, aceitando o que não pude fazer
melhor.

Sei lá...
Atravessar fronteiras e ainda me emocionar
Encontrar desconhecidos e se surpreender com o novo.

Levar sustos e me deliciar com os erros e os acertos
Ter outro olhar para o mundo e romper com a rotina.

Se perder nas estradas ou me encontrar nas curvas
Estar em paz comigo mesmo e me encontrar com qualquer canto ou
gesto que abra caminhos.

Com a certeza que o amanhã ainda vá existir
E vai ser muito mais bonito.

Maria Tereza Ariani Rodrigues, 67 anos – Usuária da UAI.

PEDROSA, Wanderley Cesar. **Envelhecimento e Participação Política**. 2018. 84 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

O envelhecimento perpassa toda a trajetória da vida pessoal, familiar e social, e só é compreendido em um determinado tempo, a partir do momento em que a pessoa começa a perder a força vital. Essa perda é um marco biológico que todo ser humano, automaticamente, passará ao chegar à velhice. O objeto de estudo é a participação no processo de envelhecimento. O objetivo geral consiste em compreender a participação das pessoas idosas, destacando a participação política dos frequentadores da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), localizada no município de Uberaba-MG. Os objetivos específicos são: estudar as mudanças desencadeadas nas pessoas idosas, sob a perspectiva da participação social, política e do envelhecimento ativo, bem como a contribuição das mesmas na efetivação da política pública da UAI, no município de Uberaba/MG; contextualizar a UAI nas políticas nacionais relacionadas às pessoas idosas; Compreender sobre o processo de envelhecimento na concepção das pessoas idosas frequentadoras da UAI; O pressuposto da pesquisa é de que: o trabalho desenvolvido pela UAI demonstra limites em se tratando da participação política das pessoas idosas, uma vez que as mesmas são sujeitos de direitos e não apenas usuários dos serviços. O cenário da pesquisa é o Município de Uberaba, cuja população é de 325.279 habitantes e deste total 37.365 são pessoas idosas. O *Locus* da pesquisa é a UAI. A instituição conta com, aproximadamente, 10.500 idosos cadastrados, e desse total estão frequentando os projetos da instituição aproximadamente 9.000 por mês, numa média de 650 pessoas idosas por dia. O presente estudo caracteriza-se por pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A abordagem da pesquisa qualitativa. A coleta dos dados foi realizada segundo as técnicas de um grupo focal. Para garantir a confiabilidade da coleta de dados foi utilizado o aplicativo *Speech Texter*. O método utilizado na análise dos dados foi o materialismo histórico dialético. O processo de análise foi fundamentado na análise de conteúdo de Bardin, a qual possibilita compreender os diversos significados que vão além das palavras de cada um dos participantes.

Palavras – Chave: Envelhecimento. Participação Política. Serviço Social com idosos

PEDROSA, Wanderley Cesar. **Envejecimiento y Participación Política**. 2018. 84 f. Tesis (Doctorado en Servicio Social) – Facultad de Ciencias Humanas y Sociales, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMEN

El envejecimiento atraviesa toda la trayectoria de la vida personal, familiar y social, y sólo se comprende en un determinado tiempo, desde el momento en que la persona comienza a perder la fuerza vital. Esta pérdida es un marco biológico que todo ser humano, automáticamente, pasará al llegar a la vejez. El objeto de estudio es la participación de las personas mayores. El objetivo general consiste en comprender la participación política de las personas ancianas frequentadoras de la Unidad de Atención al Anciano (UAI), ubicada en el municipio de Uberaba-MG. Los objetivos específicos son: estudiar los cambios desencadenados en las personas mayores, bajo la perspectiva de la participación social, política y del envejecimiento activo, así como la contribución de las mismas en la efectividad de la política pública de la UAI, en el municipio de Uberaba / MG; contextualizar la UAI en las políticas nacionales relacionadas con las personas mayores; Comprender sobre el proceso de envejecimiento en la concepción de las personas mayores que frecuentan la UAI; El presupuesto de la investigación es que: el trabajo desarrollado por la UAI demuestra límites en cuanto a la participación política de las personas mayores, ya que las mismas son sujetos de derechos y no sólo usuarios de los servicios. El escenario de la investigación es el Municipio de Uberaba, cuya población es de 325.279 habitantes y de este total 37.365 son personas ancianos. El locus de la investigación es la UAI. La institución cuenta con aproximadamente 10.500 ancianos registrados, y de ese total están frecuentando los proyectos de la institución aproximadamente 9.000 al mes, en una media de 650 personas mayores por día. El presente estudio se caracteriza por la investigación bibliográfica, documental y de campo. El enfoque de la investigación cualitativa. La recolección de los datos fue realizada según las técnicas de un grupo focal. Para garantizar la confiabilidad de la recolección de datos se utilizó la aplicación Speech Texter. El método utilizado en el análisis de los datos fue el materialismo histórico dialéctico. El proceso de análisis fue fundamentado en el análisis de contenido de Bardin, la cual posibilita comprender los diversos significados que van más allá de las palabras de cada uno de los participantes.

Palabras clave: Envejecimiento. Participación política. Servicio social con ancianos.

PEDROSA, Wanderley Cesar. *Envelhecimento e Participação política*. 2018. 84 f. Tesi (Dottorato di ricerca in Servizio Sociale) – *Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.*

RIASSUNTO

L'invecchiamento permea l'intera traiettoria della vita personale, familiare e sociale, e viene compreso solo in un dato momento, dal momento in cui si inizia a perdere la forza vitale. Questa perdita è una pietra miliare biologica che ogni essere umano, automaticamente, passerà nella vecchiaia. L'oggetto di studio è la partecipazione degli anziani. L'obiettivo generale è comprendere la partecipazione politica degli anziani che frequentano l'Unità di Attenzione agli Anziani (UAI), situata nella città di Uberaba-MG. Gli obiettivi specifici sono: studiare i cambiamenti avviati negli anziani, dal punto di vista della partecipazione sociale, della politica e dell'invecchiamento attivo, nonché il contributo degli stessi nell'attuazione della politica pubblica della UAI, nella città di Uberaba / MG; contestualizzare l'UAI nelle politiche nazionali relative agli anziani; Comprendere il processo di invecchiamento nella concezione degli anziani che frequentano l'UAI; L'assunto della ricerca è che: il lavoro sviluppato dalla UAI mostra dei limiti nella partecipazione politica degli anziani, poiché sono soggetti di diritti e non solo gli utenti dei servizi. Lo scenario di ricerca è il Comune di Uberaba, la cui popolazione è di 325.279 abitanti e di questi 37.365 sono anziani. Il Locus di ricerca è l'UAI. L'istituto ha circa 10.500 anziani registrati, di cui circa 9.000 sono iscritti ogni mese, una media di 650 persone anziane al giorno. Il presente studio è caratterizzato da ricerche bibliografiche, documentarie e sul campo. L'approccio di ricerca qualitativo. I dati sono stati raccolti secondo le tecniche di un gruppo focale. Per garantire l'affidabilità della raccolta dei dati, è stata utilizzata l'applicazione Speech Texter. Il metodo utilizzato nell'analisi dei dati era il materialismo storico dialettico. Il processo di analisi è stato basato sull'analisi del contenuto di Bardin, che consente di comprendere i diversi significati che vanno oltre le parole di ciascuno degli partecipanti.

Parole Chiave: Aging. Partecipazione Politica. Servizio sociale con gli anziani.

LISTA DE SIGLAS

ANG	Associação Nacional de Gerontologia.
CATRU	Centro de Atendimento do Trabalhador Rural
CF/88	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
CNBB	Conferência nacional dos Bispos do Brasil.
COBAP	Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas.
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.
EUA	Estados Unidos da América.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social.
LOM	Lei Orgânica Municipal.
MOSAP	Movimento de Servidores Aposentados e Pensionistas.
OMS	Organização Mundial de Saúde.
PNI	Política Nacional do Idoso.
SBGG	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.
SEDS	Secretaria Desenvolvimento Social.
SESC	Serviço Social do Comércio.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
UAI	Unidade de Atenção ao Idoso.
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNIUBE	Universidade de Uberaba.

TABELAS

Tabela 01: Participantes das reuniões do grupo focal.....	20
--	-----------

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	15
PERCURSO METODOLOGICO.....	18
I CAPÍTULO - O ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA DAS PESSOAS IDOSAS.....	24
1.1 Os elementos constitutivos do envelhecimento.....	24
1.2 Saber envelhecer: ser provado x autonomia.....	30
1.3 A UAI como confluência de políticas públicas.....	34
II CAPÍTULO – A PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS IDOSAS NA UAI.....	45
2. Participação social e participação política.....	45
2.1.1 A participação social.....	45
2.1.2 A participação política.....	50
2.1.3 A participação política na visão das pessoas idosas da UAI.....	54
2.1.4 A participação política das pessoas idosas na UAI.....	59
2.1.5 A família, o trabalho e os amigos e na perspectiva das pessoas idosas.....	63
2.1.6.1 A família.....	63
2.1.6.2 O trabalho.....	66
2.1.6.3 Os amigos.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE.....	80
APÊNDICE: A - Roteiro grupo focal com as pessoas idosas.....	81
APÊNDICE: B - Convite para participar como sujeito da pesquisa.....	82
APÊNDICE: C - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	84

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse por este tema é resultado da realização de pesquisas e da construção de um relatório sobre o segmento idoso, na esfera governamental na cidade de Uberaba/MG, no ano de 2002. Relatório este que subsidiou, em 2004, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A Unidade de Atenção aos Idosos (UAI) e a Inserção dos Idosos Uberabenses”, bem como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de pós-graduação *latu sensu*, em 2006, cujo título é “Um Panorama da Política de Atendimento ao Idoso no Município de Uberaba/MG”, no qual foi efetuada uma avaliação da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI) dentro do Marco Lógico.

Continuando a busca de respostas para as inquietações, no curso de Mestrado discutiu-se o “ENVELHECIMENTO ATIVO: um desafio para a equipe multidisciplinar e para as pessoas idosas frequentadoras da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), no município de Uberaba/MG”.

No entanto, ainda havia alguns questionamentos em relação ao envelhecimento e a participação das pessoas idosas. Neste sentido, buscou-se, no doutorado, novos conhecimentos em relação ao processo de participação das pessoas idosas que frequentam diariamente a UAI. Acredita-se que este estudo possibilitará uma melhor compreensão da participação das pessoas idosas e, ao mesmo tempo, apontará elementos para o desenvolvimento de novas políticas públicas à população que está em contínuo processo de envelhecimento.

Constatou-se, em estudo por nós realizado anteriormente (2014), que o país será o primeiro colocado em população idosa da América Latina e o sexto do mundo. Esses dados são preocupantes, pois o Brasil é um país com elevado índice de desigualdade social e que ainda não está preparado para atender às demandas dos idosos.

Quanto à saúde, aspecto inerente a vida da população em geral e, em especial, a vida da pessoa idosa, compreende-se que, se a população tiver melhores condições de vida, a expectativa de vida da população idosa tenderá a aumentar cada vez mais, e haverá mais saúde para viver bem essa conquista da humanidade. Deste modo, é necessário efetivar serviços que sejam capazes de atender às necessidades da população, sobretudo das pessoas idosas.

Portanto, cabe investigar o envelhecimento e a participação dos usuários da UAI. Para tanto, a problematização consiste em buscar respostas, inicialmente, para os seguintes questionamentos: Como se dá participação das pessoas idosas que frequentam a UAI? Diante

da realidade social das pessoas idosas, a política pública desenvolvida na UAI desencadeia interesses por uma participação política efetiva, e elas se tornam parte integrante na tomada de decisões das ações que são desenvolvidas na instituição?

Pedro Demo, (2001) aponta que participação da pessoa idosa não pode ser apreendida simplesmente como dádiva de Deus, porque o espaço de participação não cai do céu por negligência da corte celeste. Por isso **Marta Rocha**¹ aponta que: “– *Ficar em casa é muito ruim, ficar sozinha é muito ruim. Aqui se não quiser fazer o trabalho, você vem e conversa e o tempo passa o tempo passa e vamos a cada dia melhorando com as conversas*”. Dada à importância da participação das pessoas idosas nos diversos espaços de socialização destinado para aqueles que estão envelhecendo diariamente.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a participação das pessoas idosas, frequentadoras da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), localizada no município de Uberaba/MG. Consistem em objetivos específicos: Compreender sobre o processo de envelhecimento na concepção das pessoas idosas frequentadoras da UAI; estudar as mudanças desencadeadas nas pessoas idosas, sob a perspectiva da participação social, política e do envelhecimento ativo, bem como a contribuição das mesmas na efetivação da política pública da UAI, no município de Uberaba/MG; contextualizar a UAI nas políticas nacionais relacionadas às pessoas idosas. O pressuposto da pesquisa é de que: o trabalho desenvolvido pela UAI demonstra limites em se tratando da participação política das pessoas idosas, uma vez que as mesmas são sujeitos de direitos e não apenas usuários dos serviços.

Ao se discutir a participação das pessoas idosas, com enfoque na participação política, faz-se necessário definir o que é participação política, a fim de obter uma melhor compreensão do debate que ora se propõe em relação às pessoas idosas. A palavra "política" é usada há muitos séculos com os mais variados sentidos.

A palavra política é de origem grega e foi usada por vários filósofos e escritores na Grécia antiga, tal como se constata por meio da obra intitulada *A Política*, escrita por Aristóteles, quarto século antes da era Cristã. Dallari (1984, p. 10) define que “política é a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum”. Ou seja, política é a participação do cidadão na defesa dos interesses individuais ou coletivos, com um objetivo final. Neste sentido, podemos compreender que a participação política é um dever moral de cada cidadão em pleno uso de seus direitos e uma necessidade da natureza humana.

¹ Ao longo da tese, os nomes destacados em negrito e as falas transcritas em itálico, entre aspas, sem data, página e ano, se referem aos participantes desta pesquisa.

Se a participação é uma necessidade humana, cabe às pessoas idosas desenvolverem também a peculiaridade de envolvimento político com a finalidade de discutirem novos benefícios e, conseqüentemente, a criação de espaços políticos de participação e promoção de discussão em torno de suas necessidades individuais e coletivas, visando ao bem comum. Dallari (1984, p. 18) relata que “o fato de existir a necessidade de viver em sociedade tem conseqüências muito sérias. Uma delas é que os problemas de cada pessoa devem ser resolvidos sem esquecer os interesses dos demais integrantes da mesma sociedade”. Em se tratando do envelhecimento, as ações devem ser propostas e pensadas de forma coletiva, sem que haja exclusão de nenhuma pessoa do debate referente ao que será feito para essa parcela da população.

Rousseau (1978) acreditava que a participação, por ser educativa, é capaz de assegurar a igualdade política, uma vez que aponta possibilidades de desenvolver uma atuação comprometida com o grupo de modo particular, social e político, uma vez que os cidadãos passam a considerar não apenas os seus interesses individuais, mas também coletivos. Ammann (1977, p. 30) ressalta que: “na reivindicação do homem de seus direitos, na assunção de responsabilidades, no aperfeiçoamento de sua profissão, na geração de mais saber, na prática associativista, na elaboração e execução de planos, no desempenho de funções políticas”. As pessoas idosas têm uma função social importantíssima no grupo social que estão inseridas enquanto sujeitos de direitos, que buscam respostas para seus anseios enquanto grupo social. Bordenave (1994) pondera que a participação é entendida como uma necessidade humana e definida pelas posições sociais de um dado momento histórico para a construção de espaços sociais, cada vez mais democráticos e participativos, para o cidadão. O ato de participar possibilita a construção de espaços de reivindicações e de tomadas de decisões em favor das pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento, para poder enfrentar o envelhecimento com naturalidade.

No entanto, Demo (2001) traz a participação como processo sócio-histórico e cultural. Essa participação pode ser de interesse individual ou coletivo. Ainda sobre essa reflexão, Dallari (1984, p. 92) aponta que tem que ser levado em conta “os interesses particulares dos indivíduos e dos grupos participantes podem ser conflitantes, como também podem ser divergentes as concepções do bem comum”. Ou seja, as pessoas idosas devem ter segurança para tomar lugar nos debates políticos a elas destinados ou conquistados a partir da sua luta cotidiana e, acima de tudo, ter a consciência de que as necessidades são pessoais e

também coletivas, e que o debate tem que ser ajustado de modo que favoreça a todos, sem levar em consideração sua condição social, familiar, cultural ou de idade cronológica.

Mediante o exposto, o primeiro capítulo trará para o debate o envelhecimento na perspectiva das pessoas idosas, apresentadas em três tópicos: os elementos constitutivos do envelhecimento; saber envelhecer: ser provado x autonomia; A UAI como confluência de políticas públicas; a participação dos sujeitos coletivos na atualidade: os avanços, as conquistas e os entraves.

No segundo capítulo discorreremos sobre a participação das pessoas idosas na UAI e está articulado em oito tópicos: a participação social; a participação política; a participação política na visão das pessoas idosas da UAI; a participação política das pessoas idosas na UAI e a família, o trabalho e os amigos e na perspectiva das pessoas idosas: a Família, o trabalho, os amigos. E, por fim, as considerações finais desta pesquisa.

PERCURSO METODOLOGICO

O presente estudo caracterizar-se-á por pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Para a coleta dos dados empíricos da pesquisa, utilizou-se a técnica de grupo focal, a qual, segundo Giffone (2001. p. 27), é um dos “instrumentos mais usados nas pesquisas sociais porque além de permitirem captar melhor o que as pessoas pensam e sabem, observam também a sua postura corporal, a tonalidade de voz, os silêncios”, dentro de uma totalidade.

Portanto, foi realizada segundo as técnicas de um grupo focal. Minayo (2000, p. 129) aponta que:

O grupo focal consiste numa técnica de inegável importância para se tratar das questões da saúde sob o ângulo do social, porque se presta ao estudo de representações e relações dos diferenciados grupos profissionais da área, dos vários processos de trabalho e também da população.

Bomfim Trad (2009, p. 780) corrobora, ao afirmar que:

O grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços.

O grupo focal é uma técnica que integra, discute, avalia o assunto proposto pelo

pesquisador, sendo o mesmo flexível e dinâmico. No decorrer do processo de pesquisa, no grupo, utilizamos as técnicas de acolhida, dinâmica de apresentação, bem como de atividades de descontração, motivação pessoal e coletiva, com a finalidade de deixar os sujeitos da pesquisa descontraídos e capazes de prestar as informações solicitadas.

Ao se estabelecer uma relação com os sujeitos da pesquisa, Bourguignon (2008, p. 306) assinala que:

A relação estabelecida com o sujeito no processo de pesquisa é orientada por uma preocupação ética, ou seja, por escolhas pessoais e profissionais em relação ao sujeito, que por sua vez revela o projeto ético-político profissional que fundamenta o desenvolvimento de pesquisas favoráveis à democracia, à cidadania e aos valores humanos emancipatórios.

Sendo assim, todos os participantes foram informados, previamente, sobre os objetivos da pesquisa, a identidade, ou seja, o nome e a vinculação acadêmica do pesquisador e de sua orientadora, teor do grupo focal e a forma de divulgação, por meio de carta de informação e abordagem pessoal, endereçada às pessoas idosas envolvidas na UAI, para que elas pudessem optar por participar ou não de uma reunião e, posteriormente, da pesquisa.

Nesse sentido, foi estabelecido um relacionamento anterior às reuniões do grupo focal com objetivo de selecionar os 36 participantes do grupo focal. Os participantes foram esclarecidos, antes da realização da reunião do grupo focal, sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, a necessidade de participação voluntária, a garantia de sigilo que assegure a privacidade e o cuidado na utilização das informações, cabendo a cada um a decisão final de participar ou não da pesquisa.

Aos que concordarem em participar, foi solicitada a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em duas vias, sendo uma via para o pesquisador e outra para o participante. A fim de garantir a confiabilidade na coleta de dados desta pesquisa, fez uso da tecnologia, por meio do aplicativo de celular *Speech Texter*, o qual possibilita gravar a fala dos participantes e convertê-la em texto.

Após a transcrição dos dados obtidos nas reuniões do grupo focal, foi realizada a devolutiva para os participantes e as gravações foram excluídas para manter o anonimato dos participantes.

Neste sentido, a coleta dos dados aconteceu dentro da própria UAI, uma vez que a instituição possibilita garantir o sigilo das informações. As datas foram previamente agendadas com os participantes das reuniões do grupo focal, dentro de um espaço reservado para tal momento.

Foram realizadas reuniões com três grupos, cada qual composto por 12 pessoas idosas. As reuniões foram realizadas com um grupo, no dia 04 de junho, e com dois grupos, no dia 06 de junho de 2018 em média de duas horas e meia cada reunião. Todos os selecionados aceitaram participar do estudo. Ressaltamos que esse total de participantes possibilita uma maior interação e participação nos debates, no momento da coleta dos dados da pesquisa.

Participaram das reuniões dos grupos, as pessoas idosas, previamente selecionadas, o pesquisador e um moderador que ficou responsável em coletar as informações para o TCLE. Não foi permitida a participação de pessoas que não estivessem vinculadas com a coleta dos dados da pesquisa.

Participaram pessoas idosas de ambos os sexos, e idade entre 60 e 89 anos, de diversos níveis de formação escolar, estado civil e participação em outros espaços da comunidade uberabense.

Tabela 01: Participantes das reuniões do grupo focal:

PARTICIPANTES DA PESQUISA	IDADE	ESTUDOU	ESTADO CIVIL	RESIDE	PARTICIPAÇÃO²
Ana Julia	61	7º EF-II	Viúva	Sozinha	Não participa
Ana Laura	61	8º EF-II	Casada	Filhas	Igreja
Bage	62	4º EF-I	Casado	Esposa	Não participa
Brisa Maria	67	TM	Casada	Família	Igreja
Catarina	76	ESC	Casada	Esposo	Igreja
Cid Moreira	71	4º EF-I	Viúvo	Sozinho	Igreja
Cristina Castrosse	72	4º EF-I	Solteira	Sobrinha	Igreja
Débora	89	3º EM	Viúva	Filha	Igreja
Fabiula	70	1º EM	Viúva	Sozinha	Igreja
Fafá de Belém	60	3º EM	Casada	Esposo	Centro Espírita
Fernanda	62	4º EF-I	Viúva	Sozinha	Não participa
Franciela	70	8º EF-II	Casada	Esposo	Igreja
Helen	66	ESC	Solteira	Sozinha	Centro Espirita
Izabella	69	1º EF-I	Viúva	Filho	Centro Espírita
José Valdivino	83	Analfabeto	Casado	Família	Não participa
Josiadalino	80	8º EF-II	Viúvo	Filha	Igreja
Lili	74	8º EF-II	Viúva	Sozinha	Igreja
Mara	63	6º EF-II	Casada	Família	Igreja
Maria	75	4º EF-I	Solteira	Família	Não participa
Maria	63	Analfabeto	Casada	Família	Igreja
Maria de Fátima	68	4º EF-I	Viúva	sozinha	SESC
Maria Helena	71	3º EM	Viúva	Filho	Centro Espírita
Maria Madalena	68	3º EM	Casada	Família	Não participa

² Participação em outras instituições de Uberaba.

Mariana	60	8º EF-II	Casada	Esposo	Igreja
Marta	73	3º EF-I	Divorciada	Sozinha	Não participa
Marta Rocha	68	3º EM	Solteira	Filho	Igreja
Maurício Antônio	80	1º EM	Viúvo	Filha	Igreja
Nalú	72	ESC	Viúva	Sozinha	Igreja
Otávio	65	3º EM	Casado	Família	Igreja
Patrícia	66	8º EF-II	Solteira	Amiga	Não participa
Pedrinho	60	Analfabeto	Viúvo	Família	Igreja
Ramona	65	5º EF-I	Solteira	Família	Igreja
Regina Célia	74	Analfabeto	Viúva	Sozinha	Igreja
Rosana	65	8º EF-II	Casada	Família	Igreja
Rosária	60	8º EF-II	Solteira	Neta	Não participa
Santana	67	Analfabeto	Separada	Filho	Igreja

Legenda: EF-I: 1º ano a 5ºano educação infantil - Ensino Fundamental I; EF-II: 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II; EM: Ensino Médio 1º a 3ºano; ESC: Ensino Superior Completo e TM: Técnico Magistério.

Os nomes dos participantes foram mantidos em sigilo, por isso utilizou-se nomes fictícios, escolhidos pelas próprias pessoas idosas no momento da coleta dos dados, para que se mantenha os princípios éticos da pesquisa, uma vez que, os participantes é o coração de todo e qualquer trabalho. Bourguignon (2008, p. 306) destaca que “a riqueza de pesquisas que se preocupam com a experiência dos sujeitos possibilita revelar uma história que é construída pelos próprios homens concretos”.

A participação nas reuniões para a apreensão dos dados da pesquisa, se deu por meio de convite, feitos às pessoas idosas que participaram das atividades durante o mês de maio de 2018.

Salienta-se que 650 pessoas participam das atividades da UAI por dia. Duarte (2002, p. 143) discorre que “o número de sujeitos que virão a compor o quadro dos participantes, dificilmente pode ser determinado a priori, tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento”. Portanto, essa quantidade de participantes poderá sofrer alterações, a partir da coleta dos dados e da qualidade das informações prestadas ao pesquisador. Assim, os participantes da reunião indicaram trinta e seis (36) pessoas que participaram desta pesquisa. Bomfim Trad (2009, p. 782) aponta que “o número de participantes nos grupos focais, encontramos na literatura uma variação entre 6 (seis) a 15 (quinze)”. Este total de sujeitos se justifica devido o processo de seleção dos mesmos, uma vez que foram apontadas as pessoas que exercem alguma liderança junto aos demais participantes da UAI.

O processo de escolha dos sujeitos se justifica pelo fato do objeto de estudo deste trabalho ser a participação, com enfoque na participação política das pessoas idosas que

frequentam a UAI e permitir que escolhessem as pessoas que tem maior participação dentro da UAI foi, também, uma forma de valorizá-los nesse processo de tomada de decisão.

O método utilizado na construção da pesquisa foi o materialismo histórico dialético. O enfoque marxista parte de uma perspectiva ontológica do conhecimento da realidade na qual se está inserido. Portanto, a fundamentação ontológica adequada para a construção da imagem de mundo pressupõe o conhecimento de cada modo do ser no mundo. Marx (1978, p. 329) afirma que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente legadas e transmitidas pelo passado”. Não se pode esquivar que a história é produto da ação humana, mas esta ação é, também, determinada historicamente em um constante movimento dialético. Onde o homem transforma o meio em que vive e, também, transforma as condições materiais de sua produção, para atender suas necessidades diárias. Todas as atividades humanas buscam satisfazer necessidades que também são materiais e históricas, seja ela uma arte, um projeto científico, uma concepção religiosa ou filosófica. Essa satisfação humana consiste também na participação social e política das pessoas enquanto sujeitos de transformação da própria realidade.

O processo de análise foi fundamentado na análise de conteúdo de Bardin (1977), o qual possibilita compreender os diversos significados que vão além das palavras de cada um dos participantes. Bardin (1977, p. 38) relata que “a análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Neste sentido, a análise de conteúdo tem por objetivo ultrapassar as diversas incertezas que se tem em relação aos dados e enriquecer a leitura dos dados empíricos coletados durante a pesquisa.

Chizzotti (2006, p. 98) complementa dizendo que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” nas informações coletadas.

Nesse sentido, Bardin (1977) salienta que é importante organizar o processo de análise em três fases: 1) pré-análise (organização do material a ser analisado), 2) exploração do material (a definição das categorias: participação, família, trabalho e amigos) e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (o tratamento dos resultados em si).

Quanto à devolutiva da pesquisa, a mesma ocorrerá através de roda de conversa com os participantes da pesquisa dentre outros, publicação de artigos científicos, livro e encontros com as pessoas idosas e servidores da UAI. Ao mesmo tempo, pretende-se promover, ainda,

um debate em torno da experiência profissional que envolve a participação social e política dos sujeitos enquanto detentores de poder de transformação de sua própria realidade.

I CAPÍTULO - O ENVELHECIMENTO NA PERSPECTIVA DAS PESSOAS IDOSAS

1.1 Os elementos constitutivos do envelhecimento

“Para muitos, idade é o fim, para mim não passa de um número!”

Prof.^a Maria Inez Vasconcelos Rodrigues, 72 anos.

A partir da última década do século XX, o debate em torno do envelhecimento populacional vem ganhando uma dimensão maior. É uma realidade que está presente em debates, estudos e congressos, com maior intensidade, no início do século XXI. É uma nova realidade que vem sendo re-desenhada em todos os países do mundo e, de modo especial, no Brasil, porque, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 212.168.258 de brasileiros estão em contínuo processo de envelhecimento.

Ao se iniciar o debate em torno do envelhecimento, é necessário abordar as diferenças em relação aos conceitos de envelhecimento, velhice, velhices e pessoa idosa. É de consenso geral entre os estudiosos que o envelhecimento é um processo natural, que perpassa todos os seres humanos nas diversas etapas do ciclo da vida. No envelhecimento ocorrem alterações no organismo, nas relações sociais, na capacidade de adaptar-se ao meio em se que vive, bem como na maneira de ser e agir diante desse processo natural da vida.

Nesse sentido, Veiga, Cordeiro e Ferreira (2014, p. 119) discorrem que “os termos “velho” ou “velhote” eram usados, na França do século XIX, para designar sujeitos sem estatuto social, enquanto que o termo “idoso” era utilizado para identificar as pessoas com determinado status na sociedade”. Ou seja, a velhice é classificada de acordo com a realidade social de cada pessoa.

De acordo com os autores, o que classifica velhice ou velhices é o modo que cada pessoa está inserida na atual sociedade. Cabe destacar que as possibilidades que cada um tem não são as mesmas, uma vez que depende das condições de vida, o acesso aos bens e serviços não são iguais para todas as pessoas. Por isso, esse processo se insere na velhice ou velhices dado ao modo de vida de cada um diante do processo de envelhecimento. A velhice mascarada, empobrecida está posta para as pessoas que não tiveram condições de acesso aos bens e serviços de qualidade, para poder envelhecer como aqueles que tiveram oportunidades ao longo da vida.

O marco legal brasileiro para delimitar pessoa idosa se inscreve no Estatuto do Idoso (2003) que delimita pessoa idosa aquelas que têm idade igual ou superior a 60 anos. Além dessa definição cronológica deve se levar em consideração onde a pessoa vive. Nos países em desenvolvimento, a *WORLD HEALTH ORGANIZATION* (2005) considera pessoa idosa aquelas com idade 60 anos ou mais, e nos países desenvolvidos 65 anos ou mais, dada as condições de vida de cada pessoa em seus respectivos países.

E a velhice está definida como uma etapa da vida das pessoas em que as alterações ocorridas no processo de envelhecimento vão acentuando-se. Neri (2005) sinaliza que a velhice é delimitada por natureza múltipla, e que ocorrem perdas psicomotoras e sociais ao longo da vida.

O envelhecimento não nomeia um país desenvolvido ou aquele que esteja em um contínuo processo de desenvolvimento. Não determina uma cidade, regiões ou grupos específicos de pessoas. *Nalú* corrobora dizendo que: “– *Envelhecer não é Hoby é, adquirir mais experiências, viver melhor. E a gente tem que ter dignidade de vida para poder está sobrevivendo*”. O envelhecimento é um processo inerente a todo ser humano e vai do momento que nascemos até o último dia de vida.

No entanto, o envelhecimento populacional, vem redesenhando uma nova configuração social no país. Uma nova realidade onde as pessoas estão envelhecendo e vivendo mais. Ou seja, a velhice é mascarada, uma vez que ela não processa de forma igualitária para toda a população

O modo como a população de cada país envelhece, reflete as estratégias das políticas de desenvolvimento humano que são postas para a sociedade, na qual a pessoa idosa encontra-se inserida desde o seu nascimento até a velhice. Na perspectiva de *Maria*: “– *Envelhecer é muito bom, a gente desfruta muito mais que quando você moça, quando a gente é moça a gente trabalha muito e não diverte, não faz nada, porque você fica muito cansado*”.

Parafraseando Neri (2005) entende-se que, no curso da vida do ser humano, focaliza-se o desenvolvimento do ponto de vista das inter-relações de forma individual, familiar e societária ao longo do tempo. Cabe ressaltar que, além dos critérios relacionados à idade cronológica, há também os critérios que envolvem classe social, etnia, escolaridade, profissão, ao quais vão articulando a configuração, bem como a posição de cada pessoa idosa nos diversos grupos sociais da atual sociedade.

Esse reflexo está sinalizado na prestação dos cuidados básicos que são necessários em relação à saúde, ao lazer, ao apoio social e familiar, à provisão econômica da pessoa, e

também, nas oportunidades de participação social. Fatores esses que são reveladores dos princípios da participação social e política das pessoas idosas nos diversos espaços de convivência social e comunitária, e dela com outras pessoas tais como as crianças, os adolescentes e até com aquelas de sua faixa etária, os quais potencializam o ciclo da vida.

Silva (2009, p. 17) relata que: “[...] a população mais velha vive cada vez mais anos e com melhor qualidade de saúde. Retardam-se e curam-se cada vez mais doenças, alargam-se e melhoram-se os serviços de prestação de cuidados de saúde e sociais aos idosos.” Uma vez que a população está inserida nos diversos debates e participando ativamente dos diferentes espaços comunitários, além dos debates que são materializados em todas as partes do mundo sobre o processo de envelhecimento humano. **Brisa Maria** discorre que: “– *O envelhecimento depende das escolhas que a gente faz, se a gente escolher atividade físicas, ser feliz, viajar, fazer tudo aquilo que nos dá prazer, nós vamos ter uma velhice bem agradável e com qualidade de vida*” ao envelhecer.

Um dos elementos constitutivos do envelhecimento humano é a política de envelhecimento ativo da *WORLD HEALTH ORGANIZATION* estabelecida no ano de 2005, a qual traz para discussão o tripé: Participação, Segurança e Saúde.

No que tange a Política de Envelhecimento ativo, é necessário destacar a importância da participação social e política das pessoas idosas na economia, na cultura, no esporte, no lazer, na participação da vida da comunidade, na educação, na saúde, na segurança, bem como no mercado de trabalho e na relação com os amigos e a família.

No entanto, cabe apontar novos caminhos para que as pessoas idosas possam exercer sua participação social, reivindicarem igualdade de direitos sociais e romperem com a limitação social “imposta” pela sociedade no avançar da idade, e propor um projeto político inclusivo e participativo para todos.

É de fundamental importância proporcionar ambientes de debates e de participação social para as pessoas idosas, como também propor discussões em torno do envelhecimento ativo. **José Valdivino** disse que: “– *Envelhecer é o camarada procurar alimentar bem, dormir bem, ter amizade com a população, conversar com todo mundo e assim por diante*”. Não apenas em relação à Participação, à Saúde e à Segurança, mas também envolver a família, o trabalho e os amigos. Debates estes com objetivo de romper velhos padrões, pois Silva (2009, p. 19) afirma que:

Na verdade, até há pouco tempo, o processo de envelhecimento estava associado à ideia de dependência, de doença e de insuficiência e representava, antes de mais, um percurso de retirada e/ou exclusão do mercado de trabalho. Este é o modelo

protagonizado pelos ícones juvenis das sociedades da produção, que motivam o impulso para a mudança, compulsão pelas novas tecnologias e sobrevalorização do trabalho.

Neste sentido, faz-se necessário romper com a supressão das pessoas idosas ao atingir 60 anos ou mais e mostrar que elas são capazes e podem fazer a diferença na atual sociedade capitalista, consumista e excludente, no mercado de trabalho e na sociedade “ainda” considerada juvenil. A atual sociedade precisa valorizar todas as pessoas, independente do ciclo de vida

Ao derrubar velhos preconceitos, jargões, dependências, doenças e insuficiências participativas, atribuídos às pessoas idosas, bem como com a supervalorização do trabalho da população jovem, se dará espaço às pessoas idosas e, conseqüentemente, ocorrerá a quebra dos velhos paradigmas. Conforme aponta **Rosária**: “– *Quando envelhece entra no ônibus os jovens não levantam para o idoso sentar. É uma falta de respeito com o idoso é preciso que alguém peça para o jovem levantar para o idoso, mulher com criança poder sentar*”. É preciso assegurar a pessoa idosa o respeito em todos os espaços.

A **WORLD HEALTH ORGANIZATION** (2005, p. 13) afirma que: “[...] envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. ”. É fundamental desenvolver, nas pessoas idosas, a criticidade em relação aos serviços de saúde, aos espaços de participação social e política, de controle social, de segurança, de trabalho, à família e aos grupos de amigos com objetivo de promover a sua participação social e política nos diversos espaços de convivência de tais pessoas. Na afirmação de **Maria de Fátima**, percebe-se que ela entende que é importante a participação na sociedade: “– *Eu acho bacana envelhecer, eu sirvo para dar conselho para várias pessoas*”. Para ela aconselhar significa poder transmitir as experiências vivenciadas por meio de “conselhos”.

Neste sentido, como diz **Franciela**: “– *Envelhecer é ótimo, mas envelhecendo com saúde é muito importante*”. Ressalta-se que a política de envelhecimento ativo pode ser aplicada de forma individual ou coletiva, possibilitando que as pessoas percebam suas potencialidades e capacidades para o bem-estar físico, mental, social, ao longo do processo de envelhecimento, ou seja, antes de chegarem aos 60 anos de idade.

O objetivo da Política de Envelhecimento Ativo, conforme o documento da **WORLD HEALTH ORGANIZATION** (2005) é apontar oportunidades e expectativas de uma vida com qualidade para todas as pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento, que vai

desde o nascimento até a morte. E não podemos deixar à margem as pessoas que estão frágeis, fisicamente incapacitadas para desenvolver as diversas atividades cotidianas e que requerem cuidados por parte da família ou dos cuidadores.

Ressalta-se que a palavra “ativo”, na Política de Envelhecimento ativo (2005), aponta para a pessoa idosa que está em contínuo processo de participação, envolvendo em seu dia-a-dia as questões sociais, espirituais, civis, comunitárias, familiares, culturais econômicas, as quais foram apontadas por **Rosana**: “ – *envelhecimento é em primeiro lugar desapego, é o desapego de tudo, e continuar cuidando da saúde que é importante*”.

Para que a pessoa idosa possa continuar contribuindo ativamente com seus familiares, companheiros dos grupos de convivência, esposos, esposas, a comunidade onde participa, e, sobretudo nos momentos de tomadas de decisões e reconhecer que, além dos cuidados com a saúde.

No entanto, a autonomia no processo de envelhecimento está intrinsecamente ligada ao ato de que a pessoa idosa tem de administrar sua própria vida, e Castro (2011, p. 1) diz que autonomia é “[...] a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com a lei própria, que é a razão”, ou seja, consiste em fazer o que lhe convém a partir da sua própria vontade, é poder determinar o que é próprio da sua razão.

Faleiros (2010, p. 62) ressalta que: “O desenvolvimento da autonomia é um processo de negação da tutela e da subalternidade pela mediação da afirmação da própria palavra e da construção das decisões sobre seu próprio destino”. Consiste, portanto, decidir para si o que lhe convém em cada momento da vida, é negar o que é imposto por aqueles que estão ao seu redor, é dizer “chega” quem decide o que é melhor sou eu e não você.

A pessoa idosa precisa ser autônoma e poder tomar as decisões que melhor lhe convier, e que são necessárias para o exercício da sua autonomia e cidadania. Essa autonomia não deve ser velada, vigiada, deve ser de sua livre vontade, sem a interferência de nenhuma outra pessoa do núcleo familiar, cuidadores e vizinhos. Como salienta **Maria Helena** ao dizer que: “– *É bom ficar velho! Aí eu achei ótimo ter ficado idosa, porque quando eu era mais nova, eu não aproveitei era só criando meus filhos, meus netos, cuidando do marido*”. O envelhecimento dá autonomia à pessoa idosa, conforme apontado por Maria Helena. Silva (1996, p. 59) afirma que “historicamente a noção de autonomia vem sendo aplicada a duas ordens de fenômenos a que poderíamos chamar de dimensão pessoal e dimensão grupal”. Nesse caso, se aplica a noção de autonomia nos dois níveis individual e grupal, uma vez que

as pessoas idosas estão inseridas em uma sociedade, sem perder a sua individualidade como sinaliza **Mara**: “– *Envelhecer é isso, é viver intensamente. Envelhecer é eu ter mais controle sobre mim. Eu tenho mais liberdade para ser eu mesma*”. É ter autonomia.

O procedimento de autonomia aponta que a pessoa idosa seja independente, não perca sua individualidade enquanto cidadão, não dependa de nenhuma contribuição para viver no seio familiar, no lazer, na comunidade, e execute suas funções diárias com total habilidade e liberdade. Silva (1996, p. 59) continua dizendo que a aplicação da autonomia na dimensão individual é um atributo da pessoa idosa, e esse atributo é fruto da liberdade que se manifesta pela afirmação frente ao Estado ou até mesmo as instituições que pretendem regular seu convívio social. O que para **Catarina** seria: “– *Saber que já estou com 76 anos, tenho boa disposição, cuido da minha casa, domino mais ou menos computador*”. A valorização da pessoa idosa precisa ser assegurada, uma vez que a mesma tem a liberdade para decidir o que é melhor para sua vida. Esse respeito à valorização perpassa pela a autonomia que a pessoa idosa precisa ter ao longo do processo de envelhecimento.

A *WORLD HEALTH ORGANIZATION* (2005, p. 19) afirma que: “[...] o envelhecimento ativo depende de uma diversidade de fatores determinantes que envolvem indivíduos, famílias e países. A compreensão das evidências que se tem sobre esses fatores irá auxiliar na elaboração de políticas e programas que obtenham êxito nessa área”. Para tanto, as estratégias do envelhecimento ativo perpassam pela política que cada país adotará para as pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento, quer sejam países desenvolvidos ou em desenvolvimento.

Outra questão que precisa ser levada em consideração está ligada diretamente aos fatores culturais, sociais e econômicos que influenciam muito no processo de envelhecimento conforme aponta a *WORLD HEALTH ORGANIZATION* (2005, p. 20) “[...] a cultura, que abrange todas as pessoas e populações, modela nossa forma de envelhecer, pois influencia todos os outros fatores determinantes do envelhecimento ativo”. Consequentemente, a forma que cada sociedade debate as questões relativas à pessoa idosa torna-se determinante no processo de envelhecimento ativo.

Não se pode deixar relegado a outros planos as formas como cada geração (crianças, jovens e adultos) se relaciona com as pessoas idosas. **Maurício Antônio** reporta que: “– *Trabalhei muito, trabalhei 50 anos. Agora estou descansando, só muita alegria, muita felicidade, com os filhos e espero que dure mais tempo, uns 80*”.

O comportamento da população em relação à alimentação, como apontado por **Rosana**: “– Alimentar bem, seguir com nutricionista, ver o que nós podemos alimentar, comer todos os dias ser feliz”; e a prática de esportes, educação, lazer, saúde, trabalho, habitação, estão intimamente ligados ao processo de envelhecimento ativo, conforme assinala o documento da *WORLD HEALTH ORGANIZATION* (2005), no que tange à saúde, participação e segurança.

No entanto, é preciso compreender o quanto as condições em que as pessoas estão inseridas, ao longo de suas vidas, são importantes, pois tais condições interferem efetivamente no processo de envelhecimento, uma vez que é todo um conjunto de fatores que norteia a existência humana.

Portanto, para ter uma vida longa é preciso ter saúde, por isso a prática de esportes, a prevenção às doenças, o lazer, a educação são elementos primordiais para envelhecer com saúde e por longos anos. Não se devem descartar as condições de trabalho e habitação, uma vez que as pessoas vivem grande parte de sua vida no trabalho, quando não estão no trabalho estão em casa, por isso é preciso ter boas condições de vida nesses dois ambientes em que elas passam grande parte da vida.

As condições de vida apontam para uma participação e segurança no momento de tomada de decisões em relação ao que se quer após a aposentadoria, por isso, é fundamental, a participação nos diversos espaços de debate e de tomada de decisões em relação ao que se quer ao longo da vida. A participação possibilita decidir o que é melhor para cada um durante o processo de envelhecimento ativo. O que entendemos como condições objetivas que são inerentes ao processo de envelhecimento, condições essas que vão estabelecer a forma que cada um tem para envelhecer com autonomia sem perder a dimensão da valorização do ser humano independente do ciclo da vida.

1.2 Saber envelhecer: “ser proibida” X autonomia

O difícil de envelhecer é o momento que as lembranças ganham vida própria e começam a nos trair. Já não temos mais o domínio sobre elas, que vão e vêm ao seu bel prazer. E o mais difícil, é que às vezes, as lembranças que queremos esquecer ganham morada em nossa memória e não temos mais força para expulsá-las.

Olívia Cândida de Souza – 102 anos

O envelhecimento populacional no Brasil Pedrosa (2014) vem crescendo gradativamente a partir das três últimas décadas do século XX e início do Século XXI. A partir da década de 1970, os brasileiros começaram a perceber as alterações no perfil demográfico, o qual passava de uma sociedade majoritariamente rural e tradicional, de famílias numerosas e com alto risco de morte na infância, para uma sociedade predominantemente urbana, e com redução na taxa de natalidade, iniciando, assim, uma nova estrutura em relação à família brasileira.

Com as mudanças na estrutura familiar, e de uma população predominante jovem, em um passado nem tão recente, observa-se, nas primeiras décadas de 2000, um contingente cada vez mais expressivo de pessoas com 60 anos ou mais entre os brasileiros. **Marta Rocha** aponta que: “–*Deus fez o meu corpo, ele envelhece, mais a minha mente não envelhece. Minha mente continua jovem, a gente não envelhece é a cabeça das pessoas que ficam velhas e falam que estamos velhos, mas eu estou jovem! Chega, chega, envelhecer é muito bom*”. Como disse Marta Rocha, envelhecer está apenas na “cabeça das pessoas”.

Paiva (2014, p. 135) declara que: “o mecanismo que promove a fragmentação do curso da vida em fases, elegendo intencionalmente a juventude como um valor a ser trocado no mercado como qualquer outra mercadoria com base nos padrões capitalistas de consumo, coloca em contraste e em oposição a velhice como um desvalor”, em favor do mercado que preza pela juventude e segrega as pessoas idosas.

Não obstante, Brito (2008) segundo as projeções, em 2050 o Brasil terá uma população de 253 milhões de habitantes, e se tornará a quinta maior população do mundo, ficando atrás apenas da Índia, China, EUA e Indonésia. E, conseqüentemente, o sexto país com maior percentual de pessoas idosas.

No processo de envelhecimento é preciso levar em consideração os diferentes modos de vida da população, sua cultura, hábitos alimentares, a economia, social, as condições de trabalho entre outros, fatores que vem demonstrando que os sentidos do envelhecimento são produzidos e reproduzidos socialmente de acordo com os diversos interesses.

O primeiro interesse é dizer que a pessoa é “velha”, o adjetivo velho precisa ser descartado, uma vez que traz consigo uma gama de “problemas” que acabam onerando o Estado, porque traz consigo a ideia de que quem é “velho” não gera riquezas e se passa a ser um “dependente” das políticas públicas.

No entanto, é preciso entender que a pessoa idosa, não gera “despesas” não “onera o Estado” uma vez que ela contribuiu com a construção da nação, e cabe a atual sociedade,

apenas cuidar e entender que ela traz consigo mesma uma soma de significados para a sociedade, a partir do modo pelo qual ela viveu, sua maneira de ser, além da experiência acumulada ao longo da vida. Definir a posição da pessoa idosa na sociedade é, antes de tudo, saber aonde se quer chegar, conforme afirma **Fafá de Belém**: “– *Eu me sinto, me sinto uma jovem 30 anos, muitas de 30 não fazem o que eu faço. Pra mim envelhecimento é o que está na cabeça*” e como queremos chegar após os 60 anos de vida. **Nalú** completa dizendo que: “– *É preciso ter uma cabeça mais aberta para ir aceitando as mudanças do mesmo corpo*”, ou seja, é necessário aceitar as mudanças que vão ocorrendo após os 60 anos.

No entanto, o envelhecimento dos brasileiros, não traz consigo “problemas” de enfrentamento em relação às políticas públicas de saúde, à assistência social, à violência familiar e ao preconceito em relação às pessoas idosas. Prado e Sayd (2006, p. 496) ressaltam que:

No Brasil a velhice vem suscitando crescente interesse por parte dos mais diferentes setores da sociedade; mas é necessário tentar compreender suas especificidades. A diferenciação de um grupo etário e sua identificação como um problema social importante, a ponto de atrair as atenções de tantos setores da sociedade, que são por nós compreendidas como resultado de uma construção social.

O modo diferente de envelhecer precisa ser levado em consideração e, se faz necessário saber que o envelhecimento não é um “problema social”, e que esse suposto “problema” vem sendo colocado por grupos de interesses econômicos e, por isso a preocupação por parte de diferentes setores da sociedade em relação às pessoas idosas.

Cid Moreira aponta que: “–*A velhice vem, e tem que se estar preparado para envelhecer, depois que a pessoa tem certa idade aí à coisa vai piorar, a saúde dele vai debatendo, acabando porque nós somos iguaizinhos um carro na loja*”, e conseqüentemente uma melhora nas condições de vida na velhice.

Por isso é preciso pensar o envelhecimento como um processo de construção social da sociedade. Neste sentido, **Maria** ressalta: “– *Eu tenho 75 anos de idade e não é uma benção? Graças a Deus! Agradeço a Deus todos os dias por não toma remédio, não tomar remédio. Tomo remédio só pra dor na coluna e dor de cabeça de vez em quando*”. O grande “dilema” é chegar aos 75 anos com boa saúde, sem depender de medicamentos.

Para tanto, é preciso levar em consideração as condições de vida da população brasileira, em cada uma das regiões do país, uma vez que o envelhecimento processa de diferentes modos para a população. **Izabella** ressalta ser “– *Muito difícil envelhecer, mas eu sou assim muito viva, gosto muito de ficar com a equipe jovem, então eu tô achando bom*”.

Entende-se que o envelhecimento exclui as pessoas do convívio dos jovens, exclusão que se torna difícil para as pessoas idosas, uma vez que elas se sentem isoladas da juventude.

Junges (2004, p. 129) ressalta que “uma das primeiras percepções do processo de envelhecimento é a consciência da vulnerabilidade. A pessoa começa a se dar conta que não tem mais a energia e a vitalidade de antes, sendo, por isso, mais vulnerável e frágil diante de fatores biológicos ou psicológicos tendentes ao desequilíbrio”, daí a importância da construção social que o envelhecimento requer de cada um nesse processo de transição etária.

Otávio aponta ser preciso “–*Assumir a velhice, tentar fazer tudo que há dentro da velhice deixa que seja coisa boa eu faço minhas caminhadas, eu tento levar, não ficar sem fazer nada né, sempre fazendo alguma coisa*”. O grande trunfo está em saber envelhecer, nesse sentido, o envelhecimento não pode ser pensado apenas no momento que chegarmos aos 60 anos de vida, mas repensando desde o momento do nascimento.

Maria diz que: “– *Quando eu era moça eu só trabalhei, trabalhei a vida toda. Não sei de nada, mas agora na velhice eu estou muito bem graças a Deus*”. O fato das pessoas trabalharem muito enquanto jovens, pode ser um dos dilemas enfrentados no processo de envelhecimento populacional. Quando Maria aponta que “não sei de nada, agora estou muito bem” trata-se de um dos fatores, em relação às condições de vida quando era ainda jovem, apontados por ela e que precisa ser levando em consideração na atualidade.

Em se tratando de saber envelhecer, precisamos compreender esse processo antes de chegar aos 60 anos de vida. É preciso compreender como se deu o processo de envelhecimento e os dilemas enfrentados ao longo da vida das pessoas que estão vivenciando a velhice na atualidade. **Maria** continua denunciando que “–*Minha mãe trabalhava demais para tratar de nós e a gente também começou a trabalhar como ela aos 10 anos, e todos os meus irmãos trabalhavam*”. O fato de trabalhar desde os dez anos de idade pode interferir no processo de envelhecimento, uma vez que, devido às condições sociais e econômicas, as pessoas são obrigadas a pararem ou até mesmo abandonarem os estudos, o que acaba interferido de forma significativa no processo de envelhecimento. A afirmar que gosta da velhice, **Maria** mostra as dificuldades enfrentadas ao longo de sua vida: “– *a vida é muito difícil, por isso que eu gosto da velhice*”. Para Maria o envelhecimento é “gostoso” uma vez que a vida dela foi difícil ao longo dos anos, até chegar aos 60 e, na concepção dela, o envelhecimento não é permeado por proibições.

A afirmação de **Mara** corrobora com a de Maria: “– *Não é como eu era antigamente, eu era proibida, como a gente foi criado né. Mas, vendo as coisas melhores, e mais coisas*

para o lado mais, mais madura, mas sem, sem, sem erro quase que sem erro nenhum”. Pelo exposto, observa-se que um dos dilemas, quando se está no curso do envelhecimento, é ser “proibido”, pois essa proibição é um fator instigante e que precisa ser compreendido antes da pessoa envelhecer, embora Mara diga que após os 60 anos ela quase não erra, está madura, sabe o que pode e o que não pode ser feito. O que ela está dizendo que antes era proibida, hoje é livre, essa liberdade coloca a pessoa idosa em contato consigo mesmo. O ser livre para fazer o que lhe convém nesse momento da vida.

José Valdivino aponta que: “– *Trabalhei na S/A 35 anos, dentro de uma fábrica de fertilizantes, agora aposentei estou tentando estudar porque quando eu nasci, quando eu era criança não tinha estudo lá, não existia essa vida de estudar, era trabalhar. É um suporte para falar bem*”. Conforme se observa na fala de José Valdivino, ele não teve condições estudar por que onde vivia não havia oferta de escolas, bem como por questões econômicas, uma vez teve que trabalhar para contribuir com a família.

A falta de oportunidade é um dilema na atual sociedade, e deixa as pessoas fragilizadas por não terem condições de ter um envelhecimento com qualidade de vida, porque o trabalho “retém” as possibilidades de se preparar para o envelhecimento.

Debert (2000) traz ao debate que, no Brasil, os direitos sociais básicos são desrespeitados e a aposentadoria [...] significa para as pessoas idosas uma conquista social. **Fafá de Belém** completa dizendo que: “– *O envelhecimento das pessoas está na cabeça, eu precisava descansar, graças a Deus eu cheguei aos 60 anos. Não esperava alcançar, consegui graças a Deus. Chegar aos 60 anos mais jovem*”. As pessoas, ao chegarem aos 60 anos, pensam na aposentadoria para poder fazer o que não tiveram oportunidade antes da aposentadoria.

1.3 A UAI como confluência de políticas públicas

“É que aqui na UAI, eu venho me distraí, me divertir e conviver com outras pessoas, para não poder ficar em casas sem fazer nada”.

Otávio, 65 anos

No Brasil, a partir da década de 1920, as lutas foram intensificadas no que tange à política de proteção social para os brasileiros, culminando com a Constituição Federal de 1988. Neste sentido, nosso recorte histórico/temporal sobre a cidade de Uberaba/MG, em relação a política pública para as pessoas idosas do município, se dá partir do ano de 1988.

Sendo assim, discorreremos sobre a historicidade da política municipal e federal de assistência às pessoas idosas no município de 1988 até 2018. O Município de Uberaba/MG, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, conta com 328.272 habitantes residentes. Desse total de habitantes, segundo dados do IBGE, 37.366 são pessoas idosas.

A criação da UAI foi fundamentada nos artigos 203 e 204 da CF/88, com a Lei Orgânica do Município de Uberaba/MG de 1990 (LOM) que prevê a assistência social à pessoa idosa, com a Lei nº 8.742 de 07/12/93 Orgânica da Assistência Social (LOAS), com a Lei nº 8.842 de 04/01/94 que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI) e a Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

A Constituição Federal de 1988 – CF/88 Brasil (2017, p. 60), por meio do Artigo 203, prevê que “[...] a assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social e tem por objetivos: I – a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”. Nesse sentido, a Constituição define que a assistência social não é um “favor” do Estado, mais um direito de todos e em especial das pessoas idosas, conforme estabelecido no inciso I que aponta a proteção “à velhice”. Neste sentido, o Artigo 204 da Carta Cidadã Brasil (2017, p. 60) estabelece que:

As ações governamentais na área da assistência social serão realizadas com recursos do orçamento da seguridade social, previstos no art. 195, além de outras fontes, e organizadas com base nas seguintes diretrizes:

I – descentralização político-administrativa, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e a execução dos respectivos programas às esferas estaduais e municipais, bem como a entidades beneficentes e de assistência social;

II – participação da população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis.

Portanto, as ações desenvolvidas para as pessoas idosas são custeadas com recursos da própria seguridade social, e ressalta-se ainda que o setor público pode buscar outras formas de financiamento e manutenção dos programas e projetos desenvolvidos nas unidades voltadas para as pessoas idosas.

Cabe ressaltar que a CF/88 preconiza que as pessoas idosas devem propor a sua própria política de assistência, a partir da participação nos Conselhos dos Direitos da Pessoa idosa, enquanto espaço de debate, controle social e construção da política pública.

Destarte Brasil (2017, p. 65) que, a CF/88, precisamente no Artigo 230, aponta de forma clara que “[...] a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas

idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. E, também, aponta que os municípios são responsáveis conforme previsto no § 1º que “[...] os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares. ” A legislação deixa claro que o lugar da pessoa idosa é juntamente com a família e que se faz necessário criar espaços sociais que assegurem o vínculo familiar.

A lei municipal de Uberaba – MG que pautou sobre a pessoa idosa foi a LOM datada de 1990, a qual prevê que a assistência social é um “direito do cidadão e um dever do Estado”, e inclui a pessoa idosa como uma das categorias beneficiadas, conforme se constata em seu Artigo 131 Uberaba (2002. p, 88):

A assistência social é direito do cidadão e será prestada pelo Município, prioritariamente, às crianças e adolescentes de rua, aos desassistidos de qualquer renda ou benefício previdenciário, à maternidade desamparada, aos desabrigados, aos portadores de deficiência, aos idosos, aos desempregados e aos doentes.

A referida Lei, Uberaba (2002, p. 88) por meio do Artigo 131, § 3º, definiu “[...] a concessão de gratuidade de transporte ao deficiente e acompanhante, ao idoso e demais necessitados nos termos da lei. ”

Conforme é possível perceber, no momento de elaboração e aprovação da LOM-90, os vereadores assinalavam uma preocupação com a pessoa idosa, e que é dever do município, contribuir com as mesmas, no momento em que elas não tiverem condições de se manterem e, portanto, concederam o transporte gratuito para as pessoas idosas poderem se locomover.

Acompanhando uma sequência cronológica da legislação relacionada à pessoa idosa, a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), datada de 1993, BRASIL (1993, p. 1) delibera no Artigo 2º que a “assistência social tem por desígnios a proteção social, que visa à garantia de vida plena, à redução de danos que venham ferir a dignidade da pessoa e à prevenção da incidência de riscos, e que a pessoa idosa seja protegida, garantindo-lhe a vida e a redução de danos e a prevenção de riscos”. Ademais aponta que: “a) a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice ”. A pessoa idosa tem a proteção assegurada na legislação.

A Política Nacional do Idoso (PNI), BRASIL (1994, p. 1) e estabelece no Artigo 1º que “[...] tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”

Entendemos que a efetivação da UAI atende o disposto na PNI no Artigo 3º inciso I BRASIL (1994, p. 1) que “[...] a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida”. As pessoas idosas necessitam de um espaço para promover a sua integração com outras pessoas de sua geração e garantir sua participação na atual sociedade.

Conforme Pedrosa (2014, p. 102) descreve:

O ano de 2004 foi marcado por estudos e debates em relação à lei de criação do Conselho Municipal da Pessoa Idosa de Uberaba/MG (CMPIU). A iniciativa da criação do grupo de estudo, partiu da professora Mestre Maria Cristina Cunha do curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba (UNIUBE), Assistente Social, pesquisadora do processo de envelhecimento populacional. O grupo de estudos era formado por alunos do curso de Serviço Social da UNIUBE, por um grupo de pessoas idosas que participavam das atividades da UAI e técnicos da UAI.

O trabalho do grupo de estudos teve sua culminância no momento que o prefeito municipal Ilustríssimo Senhor. Doutor Odo Adão aprova a Lei Municipal n.º 9.520 de 04 de novembro de 2004, a qual discorre sobre a Política Municipal da pessoa Idosa e institui o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa. O Artigo 1º da referida Lei, estabelece que Uberaba (2006, p. 1): “[...] o Município de Uberaba/MG manterá Política Municipal do Idoso, com o objetivo de assegurar-lhe os direitos constitucionalmente reconhecidos, promovendo sua integração e participação efetivas na sociedade”. A legislação traz a centralidade da participação da pessoa idosa e essa participação está em consonância com o que discorre no Artigo 5º que constituem as diretrizes da Política Municipal da Pessoa Idosa:

I – A viabilização de alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações;

II – A participação do idoso, diretamente ou por meio de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação da política, dos planos, dos projetos e dos programas a serem desenvolvidos;

III – A capacitação, formação e reciclagem de recursos humanos nas áreas de prestação de serviço ao idoso;

IV – A implementação de sistema de informações que permita a divulgação da política, dos serviços oferecidos, dos planos, dos programas e dos projetos em cada setor do governo;

V – Colaborar na divulgação dos programas, serviços e atividades do interesse do cidadão idoso, através dos meios de comunicação (rádio, televisão e jornais);

VI – O estabelecimento de mecanismos de divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento;

VII – A descentralização dos programas de assistência, com a priorização do atendimento ao idoso em seu próprio ambiente.

A legislação trouxe avanços em relação a pessoa idosa, o que demonstra certo “interesse” do legislador para com a população uberabense, no que tange ao processo de envelhecimento.

No dia 13 de fevereiro de 2006, foi sancionada a Lei Municipal nº 9.859, a qual instituiu, no município de Uberaba/MG, o Programa Municipal de Orientação às Famílias que convivem com pessoas idosas em seus lares. O objetivo desta Lei é proporcionar qualidade de vida às pessoas idosas, por meio do fortalecimento e manutenção dos vínculos familiares e comunitários, conforme estabelece o Artigo 3º do Estatuto do Idoso (2003).

Neste sentido, a Lei nº 9.859 prevê as seguintes ações a serem desenvolvidas com a família e os cuidadores das pessoas idosas Uberaba (2006, p. 1):

- 1– Conscientização da família quanto às dificuldades diárias que os idosos enfrentam;
- 2– Orientação da família no reconhecimento de sintomas de doenças típicas da idade;
- 3– Orientação sobre como envolver o idoso no dia-a-dia da família para que ele não se sinta excluído;
- 4– Orientação quanto a cuidados no lar para se evitar acidentes;
- 5 – Orientação quanto a consultas médicas periódicas em relação a cada doença própria da terceira idade;
- 6 – Orientação sobre exercícios que podem ser praticados por pessoas idosas.

Cabe ressaltar que a legislação aponta diretrizes de ações para os cuidadores e familiares poderem desfrutar da convivência com a pessoa idosa. Nesse conglomerado de leis, a LOM-90 traz a “criação da casa do idoso”, pautando pela primazia do vínculo familiar, a convivência social e comunitária das pessoas idosas em seus lares ao lado dos seus familiares, que ocorreu seis anos após a aprovação da LOM.

Nesse sentido, Camarano e Pasinato (2004) contribuem dizendo que o Brasil foi um o precursor no continente Latino Americano, estabelecendo uma política de garantia de renda para a classe trabalhadora, culminando na universalização da seguridade social estabelecida na CF/88, garantindo para as pessoas idosas uma renda.

O envelhecimento populacional nas agendas das políticas públicas brasileiras, constituídas por instituições públicas, não é nova no país. O ponto de partida para o debate se deu no Império, através das lutas dos montepios (auxílio mútuo) civis e militares entre outros. Destacamos o Decreto nº 9.912- A, de 26 de março de 1888, regulamentando o direito à aposentadoria dos funcionários dos Correios.

Porém, as primeiras políticas previdenciárias de cunho estatal para a classe trabalhadora brasileira, do setor privado abrolharam no início do século XX, com as duas leis de criação do seguro de acidentes do trabalho datada de 1919 e a primeira da caixa de aposentadorias e pensões em 1923, conhecida como Lei Eloy Chaves. No entanto, essas duas leis cobriam apenas alguns grupos da população brasileira.

O alargamento da inclusão do envelhecimento populacional, na agenda das políticas públicas do país, se deu nos anos 1960, graças ao movimento das associações científicas, dos grupos políticos, das influências e apertos da sociedade civil, entre outros que lutavam na defesa das pessoas idosas.

No entanto, em se tratando de iniciativa do governo federal na prestação de assistência à pessoa idosa, esta se deu no ano de 1974, através de ações preventivas concretizadas nos centros sociais do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e da sociedade civil organizada. Porém, somente em 09 de novembro de 1979, os idosos não previdenciários passaram também a contar com a assistência social brasileira.

O grande avanço das políticas de proteção social às pessoas idosas aconteceu com a CF/1988, que atendeu de modo tímido algumas orientações da Assembleia de Viena, quando foi estabelecido o conceito de seguridade social, saindo do contexto estritamente social-trabalhista e assistencialista com uma concepção de direito de cidadania para as pessoas idosas. O que acabou sendo um avanço para as pessoas idosas, portanto, não podemos pensar apenas na renda, é preciso pensar que a pessoa idosa necessita ocupar o seu tempo, e essa ocupação está assegurada no momento que a PNI estabelece a criação de espaço de interação para aquelas pessoas que estão com 60 anos ou mais. Compreende-se que uma das respostas oferecida pelo Estado brasileiro, em conjunto com a sociedade, foi a aprovação da Política Nacional do Idoso (PNI), conforme podemos conferir na Lei no 8.842/1994 e posteriormente regulamentada pelo Decreto no 1.948/1996.

A PNI foi para as pessoas idosas um passo importante na garantia de direitos sociais, conforme o art. 1º da referida Lei que “institui condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade” BRASIL (1994, p. 1). Com o aumento da população idosa, as demandas por políticas públicas se intensificam a cada dia, tornando um dos desafios da administração pública nos três níveis de governo, o que requer a modernização e a efetividade das medidas preconizadas na PNI.

O Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, é fruto de um longo debate, e o resultado final do trabalho de um contingente de pessoas e instituições inseridas na

luta e defesa dos direitos das idosas. A concretização do Estatuto do Idoso, conforme Camarano (2013), é resultado da luta do aparelhamento e mobilização dos aposentados, pensionistas e pessoas idosas unidos à Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (COBAP). Em articulação com o Movimento de Servidores Aposentados e Pensionistas (MOSAP), juntamente com os emissários da Associação Nacional de Gerontologia (ANG), e de diferentes seções estaduais, de representantes da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG, da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), de representantes religiosos do Brasil, de modo especial A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), articulada com a Pastoral Nacional e as diversas pastorais da Igreja Católica, bem como as diversas federações e associações de aposentados espalhadas pelo país. O Estatuto da Pessoa Idosa assegura, ao longo dos seus 118 artigos, medidas de proteção e bem-estar social.

O referido estatuto, vigente desde janeiro de 2004, veio expandir os direitos previstos em várias legislações anteriores a ele. No Estatuto destaca-se um conjunto de regulamentações, direitos e obrigações, que surgiram a partir da CF/88, e o torna um valioso instrumento de defesa da cidadania da pessoa idosa.

Neste sentido, o envelhecimento passou a ter muita visibilidade na sociedade brasileira. As pessoas idosas estão sendo reconhecidas enquanto sujeitos de direitos com necessidades peculiares a sua faixa etária. No entanto, as pessoas idosas, após os quatorze anos de aprovação do Estatuto, ainda não usufruírem de alguns direitos previstos ao exercício da cidadania, tais como uma renda digna, assistência médica e saúde eficiente, segurança para tomar suas decisões e ou fazer suas escolhas, espaços de socialização que sejam capazes de transformar a realidade social, econômica e política delas.

Mesmo os municípios tendo adotado programas e serviços mantidos em algumas cidades em diferentes regiões do país, nas qual incluímos a cidade de Uberaba em Minas Gerais, o respeito à PNI, a Lei Orgânica do município e ao Estatuto da Pessoa Idosa. Não podemos nos esquivar dos avanços que a legislação trouxe para as pessoas idosas, resultado da luta da sociedade brasileira na defesa dos direitos sociais para aqueles que ao longo de suas vidas contribuíram imensamente para o país. As conquistas são resultadas dessa luta pela dignidade e visibilidade da pessoa idosa.

O Artigo 23 do referido Estatuto BRASIL (2003, p. 15) traz uma conquista para as pessoas idosas, ao estabelecer que:

A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Ao estabelecer o pagamento da metade do valor da entrada nos eventos culturais para as pessoas idosas, o Estatuto está promovendo a integração e a participação social com a população jovem. O fato de a pessoa idosa ter acesso aos eventos culturais e o contato com as gerações jovens possibilita um reconhecimento a história de cada cidadão que chegou aos 60 anos ou mais.

O Artigo Art. 39 do Estatuto do Idoso estabelece que “aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi urbanos” BRASIL (2003, p. 30). E possibilita à pessoa idosa a sua integração e mobilidade urbana em diversos espaços da cidade e do campo.

Em se tratando de transporte coletivo interestadual, BRASIL (2003, p. 39) o Artigo 40 do Estatuto estabelece a gratuidade ou um desconto de 50% para as pessoas idosas consideradas pobres: “I – a reserva de 2 (duas) vagas gratuitas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos; II – desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os idosos que excederem as vagas gratuitas, com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos”. O que possibilita um contato das pessoas idosas com as demais regiões do país, uma vez que a gratuidade ou o desconto de metade do valor da passagem favorece as pessoas que não têm condições econômicas para viajar. Além das demais conquistas obtidas pelo Estatuto da Pessoa Idosa, há também a ampliação e a oferta de bens e serviços, tais como as Universidades Abertas a Pessoa Idosa, os Centros de Convivências entre outros que proporcionam à pessoa idosa espaços de socialização e convivência social.

No entanto, é preciso pensar nos entraves enfrentados pelas pessoas idosas. Em alguns casos o Estatuto recuou, principalmente quando se trata de questões referentes à pobreza econômica e à seguridade social. **Rosária** aponta que: “– *Por exemplo: eu desde que aposentei não tive aumento de salário, mais ele (governo) dá em forma de gratificação para quem está na ativa e por quem se afastou ele não pagou, falta de respeito eu acho*”. O grande dilema das pessoas ao se aposentar é ter sua renda reduzida, o que compromete o orçamento familiar. Simplesmente direitos não satisfaz, é necessário proporcioná-los e conferir condições de acesso às pessoas idosas.

Não obstante, o futuro é preocupante, sobretudo em tempos de crise econômica, política e social, devido ao desmantelamento progressivo do valor das aposentadorias das pessoas idosas e a crescente perda da renda decorrente da inflação, a perda da independência econômica e a vinculação econômica a renda dos filhos adultos ou de outros. **Fernanda** aponta que: “– *O pessoal não dá muita atenção ou, às vezes, em muitos lugares a gente é muito bem atendido em outros não somos bem atendidos*”.

Não podemos deixar de refletir quanto às dificuldades de acesso das pessoas idosas ao atendimento à saúde, as longas filas, a violência social, econômica, psicológica enfrentada diariamente, as diversas formas de preconceitos, as restringidas oportunidades de participação social, política e familiar, que causam na pessoa idosa constrangimento e afastamento social.

Fernanda corrobora dizendo que: “–*As dificuldades que a gente vai enfrentando no dia a dia, às vezes a gente sente pouquinho, às vezes em alguns lugares como preconceito né, da gente ser mais idosa*”. No entanto, o envelhecimento não pode constituir para o cidadão a morte social, fazendo com que muitas pessoas idosas se apresentem como um corpo estranho de indivíduos em nossa sociedade. A pessoa idosa é protagonista da sua história de vida e essa história precisa ser respeitada em todas as suas dimensões: afetiva, social, familiar, econômica entre outras.

A UAI, foi efetivada como um marco na história da política pública para população idosa da cidade de Uberaba/MG, foi criada, conforme Pedrosa (2014), na gestão do então prefeito da época Ilustríssimo Senhor. Luiz Guaritá Neto e da Secretária de Ação Social (Assistência Social) a Professora Zilma Therezinha Bugiato Faria, que tiveram a sensibilidade em perceber o quanto seria importante efetivar a política de atenção as pessoas idosas no município. No dia 24 de setembro de 1996, na Travessa Raul Terra, nº. 35, centro, foi inaugurada a UAI. Atualmente, a UAI está localizada na Avenida Leopoldino de Oliveira, Nº 1254, bairro do Parque do Mirante.

Enfim, as pessoas idosas foram chegando de forma “tímida” na UAI, mas sabendo o que realmente queriam para poder viver após longos anos de trabalho, e aproveitarem o tempo presente de segunda a sextas-feiras, ao lado de outras pessoas que estavam envelhecendo e buscavam romper com a ociosidade. Demasi (2000, p. 15) discorre que “partimos de uma sociedade onde uma grande parte da vida das pessoas adultas era dedicada ao trabalho, estamos caminhando em direção a uma sociedade na qual grande parte do tempo, será em parte já é dedicada a outra coisa”. A UAI veio possibilitar aos trabalhadores aposentados uma nova possibilidade de viver a vida, após os sessenta anos.

Inicialmente a UAI foi coordenada pela psicóloga Senhora Sandra Regina de Souza Leite, em seguida pela Senhora Edna Aparecida Alves de Abreu, Assistente Social e Senhora Darle Nunes Barros, pedagoga. Desde o ano de 2014, está sobre a responsabilidade do servidor público municipal Senhor Márcio Antonangelo.

Conforme descreve Pedrosa (2014, p. 105) o objetivo é “prestar um atendimento aos idosos de forma não asilar, através de um espaço (e convivência social, comunitária, visando à implantação de atividades de caráter educativo, promocional, laborativo e assistencial, com objetivo final de melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas”. Os objetivos específicos são: 1) criar um espaço sócio cultural, laborativo, educativo e de fortalecimentos da pessoa idosa, visando o seu resgate social e possibilitar novas aprendizagens. 2) Garantir um espaço próprio e adaptado para desenvolver atividades para as pessoas idosas. 3) Manter um ponto de referência para as pessoas idosas. 4) Oferecer um espaço para a operacionalização das atividades voltadas para as pessoas idosas. 5) Despertar o potencial das pessoas idosas através de atividades culturais e filantrópicas.

A UAI conta, atualmente, com aproximadamente 10.500 pessoas idosas cadastradas, e desse total participam das atividades oferecidas pela casa aproximadamente 650 pessoas de segunda à sexta-feira.

Conforme relação do quadro de servidores disponibilizada pela direção da UAI, atualmente (2018), a instituição conta com 44 servidores, que desenvolvem os trabalhos-projetos para as pessoas idosas, que participam diariamente do cotidiano da instituição, de segunda à sexta-feira, das 07 às 17 horas.

Ressalta-se que todas as atividades desenvolvidas na UAI são custeadas pela Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDS), a qual está ligada diretamente à Prefeitura Municipal de Uberaba/MG e, portanto, os frequentadores, não têm nenhum custo para participarem das atividades. A UAI enquanto órgão municipal, prima pela efetivação da política pública para as pessoas idosas.

A liberdade da pessoa idosa é fundamental nesse estágio da vida. Envelhecer é uma dádiva para as pessoas que vivem em um país em processo de desenvolvimento. Na UAI as pessoas idosas têm liberdade para definir a sua participação nos projetos que são oferecidos, de acordo com as falas dos sujeitos da pesquisa.

Para *Maria*: “–Então eu tenho muita vontade, eu tô aqui também, porque eu tenho muita vontade de aprender mexer no celular, mexer na internet, tem muita gente eu vejo no

médico mexendo no celular. Eu não sei mexer, não é muito bom para mim". O fato de a pessoa idosa poder escolher as atividades que lhe convém é um ato político.

A UAI oferece as seguintes atividades para as pessoas idosas: artesanato, alfabetização, baile, bateria, zumba, canto coral, dança de salão, excursões, festas folclóricas, palestras, teatro, poesia e leitura, truco, sinuca, informática, tabuleiros de modo geral. No entanto, as atividades mais procuradas pelas pessoas idosas são as atividades físicas: hidroginástica, ginástica, musculação. A UAI oferece atividades em grupos: auto ajuda e troca de experiências, fortalecimento muscular, relaxamento induzido, fibromialgia – teoria e prática, grupo de prevenção, grupo da coluna, oficina da memória, colorindo.

E **Maria** relata que: “– *Aqui (UAI) é a minha segunda casa eu estou aqui de segunda a sexta-feira, todos os dias e só não vem quando a casa está fechada, quando tem um feriado prolongado aí então eu não venho, mas do contrário eu estarei aqui todos os dias*”. As pessoas idosas têm a UAI como sua segunda casa, local onde se reúnem, conversam, fazem novas amizades e participam das atividades oferecidas pela instituição.

A UAI é a convergência enquanto política pública para as pessoas idosas residentes na cidade das sete colinas. **Maria** traz em sua fala que a UAI: “– *Melhorou muito minha vida, me ajuda, me ajudando muito e tô aprendendo a escrever direito e aqui tá sendo muito bom para mim*”. Para ela aprender a escrever direito, ou seja, ser alfabetizada, significa uma melhoria de vida. **Pedrinho** salienta que: “– *Outras coisas mais interessantes é saber lidar no público, ler uma placa, quando vai sair com as pessoas né. Pegar mais educação, pegar mais convivência né*”. O fato de ter condições de ler as placas, saber para onde estão indo é um ato de transformação social do cotidiano da pessoa idosa.

A política pública efetivada na UAI traz para as pessoas idosas novas possibilidades nesse momento em que elas podem estudar e aprender, uma vez que não tiveram essa oportunidade por ter que trabalhar para contribuir com a família.

II - CAPÍTULO – A PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS IDOSAS NA UAI

2. Participação social e participação política

2.1.1 A participação social

Agora que estou idosa e aproveitar para aprender mais alguma coisa, a aposentadoria permite aprender mais alguma coisa.

Izabella, 69 anos

Ao se iniciar a discussão em torno da participação, é preciso compreender que segundo Bordenave (1994, p. 27) “desde o começo da humanidade, os homens tiveram uma participação de fato, quer no seio da família nuclear, e do clã, quer nas tarefas de subsistências, ou no culto religioso, na recreação e na defesa contra os inimigos”. Participar, por tanto, faz parte da ação coletiva do homem desde o seu nascimento. No entanto, não basta apenas participar junto com a família, no clã ou na defesa dos perigos, é preciso participar.

Neste sentido, será discutida a participação social das pessoas idosas na construção de uma política pública.

A participação social nos diversos processos de construção e reconstrução das políticas públicas, no Brasil, é objeto de investigação, em cada conjuntura social, a abordam sob distintas terminologias, as quais enumeramos para uma melhor compreensão: a) de inclusão social; b) participação dos cidadãos; c) participação democrática e participação comunitária; d) participação popular; e) participação política.

No entanto, independentemente da nomenclatura utilizada, ou como a prática é constituída, as iniciativas de inclusão da sociedade na gestão das políticas públicas procuram atender aos anseios da própria população que está à frente de tais práticas, para agregar aos processos de tomadas de deliberação, os quais são levados diretamente ao governo, por meio de demandas, originadas dos debates ocorridos nos diversos espaços de confluências das políticas públicas. Sendo assim, **Bagre** diz que: “– *A participação do idoso é tudo para nossa idade*”.

Gohn (2011) assegura que, ao longo da narrativa do conceito de participação, foram construídas seis considerações diferentes sob o sentido real da participação:

1. A participação liberal traz o desejo de aperfeiçoar a estrutura da democracia representativa, ampliando os canais de informação para os cidadãos de forma que eles possam manifestar as suas prioridades antes que as decisões sejam tomadas. Assim sendo, um

instrumento para buscar a satisfação das necessidades dessa sociedade onde todos possam ser iguais;

2. A participação comunitária traz consigo o fortalecimento da sociedade civil organizada, nos diversos espaços de debates e órgãos deliberativos, tais como os conselhos de direitos;

3. A participação autoritária infere sobre a integração e controle social da sociedade e da política através de ações autoritárias do governo, com objetivo derivativo de cooptada por meio de programas refletidos estrategicamente para diluir os conflitos sociais em cada momento histórico;

4. A participação revolucionária representa-se por coletivos organizados democraticamente em busca de uma autonomia da divisão do poder político, contra as relações de dominação e divisão do poder existentes na sociedade;

5. A participação democrática radical é uma junção dos modelos de participação democrática e, também, a revolucionária. Onde os teóricos e militantes, que não acreditam na democracia representativa como um modelo democrático, propõem sua transferência por um modelo de democracia participativa que fortaleça as ações da sociedade civil para a construção de uma nova ordem social;

6. A participação democrática é fundamentada a partir da soberania popular e da participação dos movimentos sociais e organizações da sociedade civil organizada. Seu princípio básico é a delegação do poder de representação e o sistema representativo com entrada através de pleito eleitoral é o critério supremo de organização das pessoas.

Constata-se que os modelos descritos estão relacionados com o jeito que a sociedade é inserida na construção das políticas públicas e sociais em cada momento histórico. Neste sentido, compreende-se que o cidadão, em determinado momento, é tratado simplesmente como “beneficiários das políticas”, em outro momento apenas como “convidado”, termo este que pode apontar opiniões e pareceres e, em outros momentos, são “convidados” para “eleger” seus representantes em diversos processos de participação; e/ou “pronunciados” para bancar a comissão de frente ao governo, a fim de solicitarem seu espaço nos processos de participação e de tomada de decisão enquanto “sujeitos de direitos”.

O processo de participação é uma luta constante, na qual está inserida a sociedade e, por outro lado, o governo com objetivo de desmobilizar a participação social. Por isso que Pedro Demo (2001) diz que participação é uma conquista da sociedade e que não é dada como

uma dádiva, descuido ou negligência da corte celeste para os cidadãos que buscam melhores condições de vida através das políticas públicas e sociais.

Sayago (2000) aponta seis modalidades de participação que necessitam ser discutidas, na atualidade, na perspectiva das pessoas idosas: individual, coletiva, ativa, passiva, voluntária e Instrumental.

1 - Participação Individual: quando a pessoa toma sua decisão de forma individual e de livre escolha, sem a interferência de outras pessoas. **Brisa Maria** contribui dizendo que: “ – *Você também pode ser feliz dentro da sua casa, desde que você esteja bem com aquilo que te rodeia. Então é muito importante essa participação; ela só traz retornos gratificantes e bons para nossa vida, o dia a dia. É perfeito!* ” A participação individual das pessoas idosas traz “retornos gratificantes e bons para a vida” como apontado por Brisa Maria, ou seja, a participação individual é um momento de tomada de decisão livre, a pessoa idosa sabe o que realmente quer para sua vida, no que diz respeito a participação.

Mariana ressalta: “ – *Eu gosto muito de ser sempre presente na vida dos outros né. Ajudando, então é uma participação boa que eu gosto de tá fazendo*”. A participação individual abre um leque de possibilidades para as pessoas idosas poderem tomar a decisão delas em relação o que contribuir e como contribuir para com as outras pessoas que estão ao seu redor. **Catarina** corrobora, ao dizer: “ – *O produto dessa participação, enquanto eu viver, é uma coisa que eu preservo muito, uma coisa que eu gosto e faço bastante força para ter essa Independência*” na tomada de decisão enquanto pessoa idosa, em poder participar dos diversos espaços de socialização. **Catarina** finaliza dizendo: “ – *É isso que me motiva participar, mas o principal objetivo da participação é a minha Independência total*”. A participação individual é libertação.

2. Participação Coletiva: quando as pessoas decidem de forma coletiva. **Ana Laura** traz em sua fala a importância da participação coletiva, ao afirmar: “ – *Porque se eu ficar quieto em casa, se eu não fizer nada, eu vou travando mais, aí eu fico tentando fazer as coisas para mim ver se eu consigo movimentar mais né, a participação*”. O fato de ficar em casa sem ter o que fazer deixa as pessoas idosas acomodadas, Ana Laura disse que “vai travando” daí a importância da participação coletiva no cotidiano das pessoas idosas.

Josidalino afirma: “ – *É porque a minha participação aqui tem contato com pessoal, divertir fazendo ginástica, aqui é um passatempo para nós não ficar em casa.* ” A participação coletiva possibilita um debate onde todas as pessoas idosas são sujeitos de transformação social, uma contribuindo com o outro na busca de um crescimento pessoal e coletivo.

Franciela também concorda que participar é bom e afirma: “– *A participação é boa, eu venho para cá, para ter saúde, é excelente. A ginástica é boa para o corpo e para a mente do idoso*”. As atividades coletivas possibilitam “saúde” no entendimento de Franciela.

3. Participação Ativa: quando a pessoa assume um compromisso de lutar e alcançar os seus objetivos, de forma solidária e coletiva. Em se tratando de participação ativa, **Rosana** diz que: “– *Os jovens precisam vir para cá pode ser: fisioterapeuta, psicólogo, Assistente Social, o governo tem que abrir mais da participação dos jovens da faculdade aqui conosco na UAI sempre estou pedindo, e nunca vem*”. Rosana solicita a participação dos jovens na UAI, ao dizer que “*sempre estou pedindo*”.

A respeito da participação dos jovens nos espaços destinados às pessoas idosas, Beauvoir (1990, p. 265) relata que: “é a classe dominante que impões as pessoas idosas seu estatuto, mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela”, sobretudo quando as pessoas idosas solicitam aos governantes a participação dos jovens dentro dos seus espaços de convivência social.

Também, por meio da opinião de **Regina Célia** é possível constatar a relevância da participação: “– *É muito prazerosa a participação, participar não tem limites, a gente viaja, já fui até o Rio de Janeiro, acredita, nunca esperava conhecer a cidade do Rio de Janeiro, ficamos lá uma semana, é maravilhoso*”. A participação ativa não “tem limites” como prescrito por Regina Célia, no que diz respeito ao poder passear. A pessoa idosa precisa estar envolvida em diversas atividades, participando ativamente do que é habitual em sua vida, assim como discorre Maura: “– *A princípio a participação foi por curiosidade, porque eu estava passando por um momento muito crítico na minha vida. Eu estava me sentindo só, com problemas, vim aqui para ver como era e eu gostei e participo: da zumba, da piscina, da hidro, faço biscoit. A participação aqui é total*”. Na participação ativa e total, a pessoa idosa se envolve nas atividades que lhe proporcionam prazer, e esse envolvimento a tira da ociosidade.

Fafá de Belém aponta que antes ela não viajava, mas hoje viaja e: “– *Isso é muito bom, conheci muita coisa através da minha participação, eu andei de avião, nunca tinha andado. A participação é uma mudança de vida, uma mudança. Mas é uma transformação, transformar é uma participação. É transformar um idoso em um jovem, se não participar é um jovem idoso*”. A participação é fundamental no cotidiano da pessoa idosa, é sair da passividade e ir, sem medo, ao encontro de um mundo desconhecido, conforme apontado por Fafá de Belém “é uma mudança de vida, uma transformação”.

4. Participação Passiva: é quando a pessoa não interfere no processo, e o aceita como ele está colocado. Nalú mostra que está conformada com o que faz ao dizer: “– *Participação para mim é o que eu faço. O que eu faço é suficiente, porque eu não gosto de caminhada, eu não gosto de ginástica e também não tô podendo fazer por causa do problema cardíaco que eu tô passando por alguns momentos né*”. Ou seja, é o aceitar de forma tranquila, passiva a situação que está colocada para Nalú, sobretudo quando diz que “não gosto de...”. E **Fafá de Belém** acrescenta: “– *É isso aí, o jovem de hoje não tem participação*”, ou seja, o fato de não participar é aceitar a condição que está sendo colocada para os jovens, e também para as pessoas idosas. A participação passiva não motiva as pessoas idosas, as mesmas ficam em um “estado de conformismo” com a situação, conforme **Débora** aponta: – “*É muito bom para os idosos participar, dá um ânimo em nossa vida a participação*”, ou seja, não se pode aceitar passivamente as coisas como são colocadas na atual sociedade.

5. Participação Voluntária: quando as pessoas, de forma espontânea, se organizam em grupo para resolver determinadas situações imediatas, tal como descreve **Helen**: “– *Vou no centro espírita, ajudo na sopa, corto tecido para costura, faço trabalho da Ronda social, doando roupas e alimentos e conversando com as pessoas que moram na rua. Organizamos 60 cestas básicas por mês*”. Constata-se que a participação voluntária das pessoas idosas se dá no momento em que elas se reúnem com outras pessoas e instituições para prestar um serviço a comunidade.

Fernanda ressalta que:

“– Antes a gente ficava muito quieta em casa, não tinha motivação, e eu e meu marido conversávamos todos os dias, agora não tem com quem a gente falar de certos assuntos e aqui a gente pode falar, a gente participa da vida uma das outras, sobre os problemas do dia a dia umas das outras, todas as outras amigas sabem e a gente parece que impulsiona a gente viver mais feliz participando aqui”.

O participar dos “problemas umas das outras” não deixa de ser uma participação voluntária, isto é, percebe-se na fala de Fernanda que o fato de reunir e colocar umas para outras os problemas vivenciados é uma participação coletiva que tem a finalidade de motivar e impulsionar as pessoas idosas a resolverem seus problemas de solidão, depressão, dentre outros.

Para **Maria** o fato de ela chegar: “– *Na UAI ao meio-dia e vou embora 17 horas, aqui jogo dourada, truco e chama truco, mas é um douradão. Nós jogamos de 12 pessoas: seis mulheres contra seis homens. É muito bom, então eu falo o que quero*” – consiste em

uma participação voluntária, uma vez que os idosos e idosas reúne para jogar, e sair do isolamento

6. Participação Instrumental: quando as pessoas se unem com o firme propósito de conquistar uma posição ou o poder. Essa mobilização é dirigida por aparelhos externos (as pessoas são incluídas, no entanto, suas opiniões e decisões são excluídas, não tem peso no processo de participação). **Marta** aponta que:

“– As minhas filhas” são as responsáveis por me fazerem e sair de casa você “sai de casa você muda seu ambiente, você conversa, você interage, você tá saindo de casa, vendo outras coisas, outras experiências com pessoas diferentes, gasto ir para qualquer lugar, aí a gente se sente e tem que sentir à vontade onde estamos”.

E **Cristina Castrosse** também expressa o mesmo entendimento de Marta, ao dizer que:

“– A salvação é participar, para mim ter uma qualidade de vida melhor, ser mais eu, participando eu vou ter uma qualidade de vida melhor, eu não vou ficar nesse sedentarismo de ficar dentro de casa, sem fazer nada, eu vindo para cá eu sei que eu estou fazendo alguma coisa boa, para minha vida, para mim fazer feliz, para mim poder ter um envelhecimento melhor, e com mais destreza, com mais felicidade, com mais alegria”.

Percebemos que Marta busca uma “posição” ao sair de casa, mesmo sendo motivada pelas filhas e Cristina Castrosse busca a “qualidade de vida, felicidade, destreza” e, ao sair do “sedentarismo”, ambas buscam uma participação enquanto cidadãs.

2.1.2 A participação política

Se você faz as coisas com intensidade, principalmente com bom humor você vai viver muito melhor, doença não pode ser lembrada, é para ser esquecida.

Brisa Maria, 67 anos

Ao dar início a discussão em relação à participação política, recorremos a Gohn (2011, p. 51) quando discorre que “no Brasil, a questão da participação política é um tema presente desde o tempo de lutas da Colônia contra a metrópole, passando pelas lutas contra a escravidão e pelo sindicalismo anarquista nas primeiras décadas deste século”, ou seja, a luta é constante.

Neste sentido, é possível concordar com Rolnik (1995, p. 13) quando afirma que “a cidade antes de mais nada é um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia. ” Também é fato que aquelas pessoas que não atendem às demandas geradas nesse espaço de participação têm como destino provável a exclusão social na velhice.

No entanto, é preciso pensar de que forma é possível envolver as pessoas idosas em um processo de participação política, onde as mesmas serão capazes de definir o que é melhor e o que atende as suas necessidades, após os 60 anos de vida.

As relações sociais envolvendo as pessoas idosas pressupõem uma participação social e política quer no campo ou na cidade, envolvendo homens e mulheres nas mais diversas atividades, sociais, econômicas, políticas, culturais entre outras. Os resultados dessas participações geram demandas que acabam por atrair novos contingentes populacionais para o espaço no qual se formam as cidades. O resultado dessa participação, denomina-se de participação política das pessoas idosas. Convivemos num tempo em que a participação política nunca permaneceu tão acessível à sociedade civil. O marco inicial, em se tratando de um marco legal em relação à participação política dos cidadãos está institucionalizado na CF/88, quando a Carta Magna descreve a importância do controle social na agenda das políticas públicas. March e Olsen, (2008, p. 127) relata que:

A democracia política depende não somente da economia e das condições sociais, mas também do desenho das instituições políticas. A agência burocrática, a comissão legislativa e as cortes de apelação são arenas para as forças sociais contraditórias, mas também são uma coleção de procedimentos e estruturas de operação-padrão que definem e defendem interesses; elas são atores políticos em si.

Esta atividade passa a fazer parte da agenda de debate institucional brasileira com a sanção da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, a qual envolve participação política.

Naquele momento, a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) já proporcionava diretrizes para que a participação na política de direitos fosse plenamente aplicada, com a implantação do Conselho Nacional do Idoso e dos respectivos Conselhos Estaduais e Municipais, demandando novos caminhos de determinação pública. Um marco inestimável para as pessoas idosas poderem apresentar, debater e deliberar sobre seus anseios e vontades.

Não basta ter leis que deliberem sobre a participação política das pessoas idosas se as mesmas não forem protagonistas da sua ação na atual sociedade. Gohn (2003, p. 23) aponta que “participar das práticas de organização da sociedade civil significava um ato de desobediência civil e de resistência ao regime político predominante”. Nesse caso é preciso

pensar o contexto social e econômico vivenciados, sobretudo pelas pessoas idosas mais jovens, que estreadam suas respectivas fases amadurecidas em pleno regime militar, que perdurou entre os anos de 1964 e 1985. Gohn (2003, p. 22) discorre que:

Com a saída dos militares do poder, a partir de 1985, começa a se alterar o significado atribuído à sociedade civil. Com a progressiva abertura de canais de participação e de representação política, a partir das pressões populares, promovida pelos novos governantes, os movimentos sociais (especialmente os populares) perderam paulatinamente a centralidade que tinham nos discursos sobre a participação da sociedade civil.

Ao pensar na conjuntura brasileira de participação “popular” das pessoas idosas, algumas peculiaridades devem ser ponderadas. A relação da pessoa idosa com a participação política necessita de compreensões que inclinem as pessoas idosas em plena condição de participar das deliberações das políticas públicas, ainda somente no acompanhamento de tais determinações, para tais atividades voltadas às mesmas.

Cabe ressaltar que, em se tratando de participação no período ditatorial, a participação era cerceada em detrimento do regime ditatorial vigente, o que acaba interferindo no protagonismo das pessoas idosas.

Gohn (2003) afirma que são quatro os pressupostos de uma participação democrática:

1. Uma sociedade democrática é possível a partir da participação das pessoas e dos grupos sociais organizados em cada comunidade.

Aponta Pateman (1992, p. 44) que “existente entre indivíduos, suas qualidades e características psicológicas, por um lado, e os tipos de instituições, por outro; a asserção de que a ação social e política responsável dependem, em larga medida, dos tipos de instituições no interior das quais o indivíduo tem de agir politicamente”, ou seja, a sociedade precisa que as instituições de apoio tenham um papel efetivo na construção dos meios de participação na vida da comunidade.

2. Não é possível transformar a sociedade participando apenas no plano local, micro. É no plano micro que se inicia todo o processo de modificação na sociedade. Salienta-se que essa transformação da sociedade perpassa pelo desejo de mudar a realidade na qual se está vivendo. A partir desse desejo, conforme descrito por Doll et al (2007, p. 13) desponta “a teoria do desengajamento foi formulada por Cumming e Henry, no livro *Growing Old* (1961), baseada nos dados de uma pesquisa realizada com 279 moradores de Kansas City e cidades-satélites, com idades entre 50 e 90 anos e que eram física e financeiramente auto-suficientes”.

Surge, então, o pensamento teórico em relação ao desejo de transformar o seu espaço de convivência diária vivenciada pelas pessoas idosas.

Os espaços de convivência para as pessoas idosas precisam atender aos anseios dos mesmos, uma vez que são protagonistas das suas ações na atual sociedade. Ao estudar a UAI é importante apontar um marco divisor do que foi estabelecido e do que poderá ser efetivado com a participação das pessoas idosas durante todo o processo de avaliação da instituição.

Não obstante, é preciso levar em consideração a participação política das pessoas idosas durante todo o processo de avaliação das ações desenvolvidas na UAI.

3. É no território que reúnem as energias e forças sociais da comunidade, e essas forças vão construindo o poder da região, do grupo, das pessoas que ali residem e contam com suas experiências que, na prática, é um verdadeiro capital social, ou seja, as forças promotoras da emancipação social. Doll et al. (2007, p.15) contribui dizendo que:

- a) primeiro: mudanças na quantidade de contatos sociais devem ser observáveis (número de pessoas, número de contatos, propósitos dos contatos);
- b) segundo: devem-se encontrar também mudanças na qualidade dos contatos, no estilo ou padrão de interação entre os indivíduos e os outros membros do sistema, isso pode ser medido pela diminuição do envolvimento;
- c) terceiro: devem-se observar mudanças na personalidade do indivíduo, causando diminuição no envolvimento com outros e aumentando sua preocupação com ele mesmo.

Uma vez que as mudanças vão ocorrendo de forma gradativa ao processo de envelhecimento, o que requer uma mudança de paradigmas em relação às pessoas idosas, é preciso recorrer às instituições que tem o apreço das pessoas idosas e que estão localizadas no seu território social.

4. No território local estão localizadas as instituições reconhecidas no cotidiano da população, portanto, esse poder tem que ser organizado, é no local que são delimitados os objetivos e a função de cada cidadão no processo de luta e participação social.

Portanto, no processo de participação política tem que ser levado em consideração a importância de cada cidadão no processo de democratização das relações sociais, as quais não são possíveis de transformar apenas o seu bairro, mas toda uma sociedade. É no território que se encontram os elementos primordiais para a transformação da realidade almejada a partir do envolvimento político com a mesma. Neste sentido, Dallari (1984, p. 92) completa dizendo que, a participação política “é aquela que influi de algum modo nas decisões políticas fundamentais” das pessoas idosas em todos os espaços de participação social e política. **Mariana** relata: “– Não sou muito política nessas coisas e não gosto de participar da política

desse lado não”. Constata-se que as pessoas não têm conhecimento em relação a participação política, essa participação que acontece nos mais diversos espaços de construção das políticas públicas espalhadas por todo o país. Doll et al (2007, p. 23) reportam que:

As pessoas idosas não exercem um papel importante somente na família. Em muitas sociedades, elas assumem também papéis políticos, como conselheiros, chefes de tribos etc. O poder dos idosos pode tornar-se tão forte, que já foi usada a expressão de “gerontocracia”, onde o poder principal se encontra nas mãos de um grupo de pessoas idosas.

A importância da participação política das pessoas idosas na comunidade onde residem e participam, enquanto protagonistas das ações inerentes a sua idade deriva do fato de as pessoas idosas exercerem vários papéis nos diversos espaços de participação, quer na família, na sociedade, nos espaços de socialização, na economia, na política entre outros. A participação política das pessoas idosas, requer envolvimento dos gestores das políticas públicas com objetivo de apontar uma direção política para que os mesmos possam definir o que é melhor nesse momento de sua vida.

Constata-se ser de suma importância envolver as pessoas idosas nos espaços de tomada de decisão, uma vez que as mesmas devem ser protagonistas das suas próprias ações enquanto sujeitos políticos e também, capazes de influenciar na construção, avaliação e monitoramento das políticas e ações.

2.1.3 A participação política na visão das pessoas idosas da UAI

Tenho filhos e eles são casados, cada um mora em suas casas a gente se encontra de vez em quando, a gente fala pelo WhatsApp quase todos os dias.

Maria de Fátima, 68 anos.

Ao discutirmos a participação política na visão das pessoas idosas e preciso compreender se as mesmas tem consciência do que realmente é uma participação política. As políticas públicas voltadas para as pessoas idosas trazem em si uma consciência do que realmente é uma participação política? Para as pessoas idosas, o simples fato de participar das atividades oferecidas pela UAI, é uma participação política? Ou elas confundem participação social com participação política? Portanto, ressalta-se que as falas das pessoas idosas apontam que as mesmas não têm uma participação política no que tange a sua participação na UAI, enquanto espaço de efetivação das políticas públicas.

A participação das pessoas idosas em grupos de convivência lhes traz relevantes benefícios, uma vez que as mesmas estão compartilhando experiências, vivências, afetos, emoções, além de compartilharem as reflexões diárias da vida cotidiana de cada um. Isso reflete no relacionamento com a família e na disposição física das pessoas idosas que participam ativamente da UAI, conforme se observa através na fala de Maria: “*–Depois que eu tô aqui, tô sentindo uma disposição, mais jovem, me sinto muito mais jovem*”. O fato de participar, sair da rotina e ter um ambiente onde possam se sentir jovens, motivadas a viver mais e melhor. Conforme dispõe o Estatuto do Idoso, em seu Artigo 3º, traz que BRASIL (2003, p. 1):

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do poder público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito à convivência familiar e comunitária.

É possível observar que a pessoa idosa vem buscando autonomia, melhores condições de saúde, independência, uma vida ativa e participação na conquista e garantia de seus direitos sociais. No entanto, as mudanças na configuração do desenho do envelhecimento e na participação da pessoa idosa nos assuntos sociais ainda ocorrem de modo singelo.

Portanto, cabe ao poder público oferecer às pessoas idosas um espaço onde elas possam participar ativamente das decisões inerentes a sua faixa etária e, com isso, melhorar sua condição de vida após os 60 anos ou mais.

A participação possibilita conhecimentos como reporta **Pedrinho** ao dizer que: “*– Eu gosto de participar, eu gosto muito, eu estou estudando e entendendo a ler escrever é muito bom*”. **Pedrinho**, ao participar de grupos de convivência, de projetos e programas oferecidos às pessoas idosas tem a oportunidade de buscar novos conhecimentos para a vida, pois ele está aprendendo a ler e a escrever, atividades que não lhe foram possíveis de fazer quando jovem, uma vez que as condições econômicas não permitiam.

Cid Moreira relata em seu depoimento que: “*–Morava na roça, não tinha estudo, e meu pai dizia: homem para ter dinheiro não precisa ter estudo, precisa ter inteligência e fazer negócio*”. Essa realidade vivenciada por Cid Moreira não é diferente daquela vivenciada por muitas pessoas idosas, de serem tolhidas em seus ideais de vida, em não poder estudar para ter uma melhor condição de vida, pois os pais não permitiam o estudo dos filhos, por isso faz-se necessário oferecer projetos de educação para as pessoas idosas.

Percebe-se que as pessoas idosas não têm entendimento do que realmente seja a participação política delas mesmas nos diversos espaços de socialização. Durante a coleta dos dados empíricos da pesquisa, as 36 pessoas idosas participantes do presente estudo, não mencionaram nenhum elemento da participação política no processo de tomada de decisão das ações pensadas e planejadas para as pessoas idosas que frequentam diariamente a UAI.

O fato de participar deixa as pessoas idosas mais jovens, segundo **Fafá de Belém** “– *As pessoas mais novas não andam como eu nem a “bala”, por isso me sinto jovem pelas coisas que eu faço todos os dias, graças a Deus*”. A participação, nos diversos espaços oferecidos às pessoas idosas, deixa as mesmas mais “jovens” conforme Fafá de Belém, dispostas, confiantes, seguras de si e do que estão fazendo.

Nesse sentido, **Fafá de Belém** continua relatando que: “–*Eu era uma pessoa, e se eu olhasse no espelho eu tinha vergonha da minha pessoa, tinha, sabe, agora, agora que eu vim para a UAI. Eu acordei*”. O fato de participar proporciona as pessoas idosas autoestima, elas percebem que existe algo maior para elas além do simples fato de apenas viver após os 60 anos, existe vida que precisa ser vivida e reinventada todos os dias para que elas possam se sentir bem.

As pessoas idosas estão propícias a quedas, depressão devido o isolamento social, e **Marta Rocha** relata: “– *Acredita, quando eu vim para cá (UAI) eu estava com depressão, porque eu sofri um acidente e agora eu venho todos os dias e tô sentindo bem*”. O fato da pessoa idosa participar, todos os dias de atividades, a elas oferecidas, proporciona bem-estar social, que contribui na melhoria das condições de saúde e de vida nessa fase da vida.

Maria contribui dizendo que: “– *Eu estou participando de muitas coisas. Aqui na UAI tem muitas atividades que a gente tem de fazer por causa da idade, mas posso escolher o que eu gosto de fazer, sou livre*. A participação das pessoas idosas e o poder escolher o que fazer, a liberdade em definir o que é melhor para sua vida é uma condição de autonomia, de segurança conforme previsto na política de envelhecimento ativo da OMS. **Maria** continua dizendo que: “– *Participar aqui é uma diversão, divertir também e muito bom, até na missa (igreja) dá pra divertir*”, ou seja, a pessoa idosa pode divertir participando dos diversos equipamentos sociais espalhados pela cidade de Uberaba/MG, conforme aponta Maria, “até na missa podemos divertir”, podemos aproveitar a vida, divertir em todos os espaços sociais e comunitários.

Maria corrobora, ao afirmar: “–*Ir à missa, visitar minhas colegas, de primeiro não tinha tempo agora eu tenho tempo prá divertir*”. Outro ponto fundamental para as pessoas

idosas vem a ser o tempo que elas têm para desfrutar da arte de viver, após a aposentadoria, e **Maria** coloca que “agora tem tempo prá divertir”, o que antes não tinha devido aos compromissos do trabalho.

Mauricio Antônio assinala que: “–*Participar da UAI, os colegas aqui são bons, com os colegas aqui jogando baralho, uma sinuca, batendo um papo, ir aos festejos, participando dos festejos que tem aqui na UAI, é bom*”. A pessoa idosa, precisa estar sempre em contato com outras pessoas, independente da faixa etária, e Mauricio deixa claro o quanto é bom festas, bater um bom papo com as outras pessoas, os jogos, a socialização, a promoção do bem-estar das pessoas, por isso a participação para as pessoas idosas é de suma importância, pois significa sair da ociosidade e promover a vida.

Fafá de Belém cita que: “– *Eu participo no centro espírita Chico Xavier, sou Espírita eles ajudam bastante a gente tem que agradecer também*”. O quanto é salutar para as pessoas idosas participar até mesmo de um culto religioso, no centro espírita entre outros templos. **Helen** afirma: “–*Eu faço doações, momentos de tarefas no centro espírita*”. As campanhas e as tarefas que desenvolvem no centro espírita são para as pessoas idosas um espaço de convivência, de participação. **Ana Júlia** afirma que participa das atividades realizadas “*no salão da Igreja de Nossa Senhora da Abadia*”. A Igreja tornou-se para as pessoas idosas um espaço de participação social.

A participação de **Catarina** tem um cunho social ao afirmar que: “–*Participo também de danças no salão no Asilo São Vicente é um salão que a gente além de colaborar com os idosos do asilo a gente vai divertir um pouco com o jantar dançante no asilo*”. Além de divertir, Catarina também contribui com a manutenção do Asilo, ao participar do jantar dançante.

Lucchetti et al (2011, p. 164) revelam que “as necessidades espirituais crescem de significado à medida que se aproxima a finitude”. Salientam que: “O retorno a uma prática religiosa passa a ser mais evidente, sendo por muitos percebida como indispensável. Não é sem razão que muitos consideram a velhice como a etapa em que um balanço da vida é necessário e inevitável”. Sendo assim, entende-se porque todos os participantes trazem consigo algo remetendo a Deus, “graças a Deus” “é uma benção de Deus” entre outros adjetivos da importância de um Ser Superior nessa etapa de suas vidas. E **Mariana**, sintetiza que: “– *Eu me sinto bem, eu converso com todo mundo na igreja. Eu vou também porque eu sinto necessidade de orar pelos meus filhos, meus netos, amigo e todos que conheço*”. A importância da oração para as pessoas idosas, e o fato de pedirem em seus momentos de

oração para os filhos, netos, sem esquecerem-se dos amigos e conhecidos, aqueles que estão ao seu redor ao longo da vida, por isso as pessoas idosas se sentem gratas a estas pessoas que caminham com elas ao longo da vida, e a oração é uma das formas encontradas de agradecer e pedir a proteção para as mesmas.

Cristina Castrosse informa: “– *Gosto de ir à Igreja Católica, à missa, gosto de participar das festas, se eu pudesse iria em todas, mas o tempo é meio curto, eu sou festeira (risos)*”. Cristina Castrosse queria ter mais tempo para poder participar dos diversos espaços da igreja que têm festas, porque festa traz alegria, descontração para as pessoas idosas.

Além da UAI, as pessoas idosas participam também de outras atividades no Serviço Social do Comércio (SESC), conforme aponta **Maria de Fátima**:

“– Eu vou no SESC, depois eu venho para cá (UAI) as horas passa rápido, então eu não sei o que que é solidão. Lá eu faço aula de dança, lá tem umas professoras que ensina coreografia, a gente faz apresentação, a gente viaja, e a gente vai para todas as cidades. Fui até no Rio de Janeiro”.

Maria de Fátima revela em sua fala a satisfação de poder participar de outro espaço de socialização para as pessoas idosas, bem como viajar para outras cidades para fazer apresentações daquilo que aprenderam nas aulas.

Regina Célia relata que:

“–Participava também do SESC, tive uma decepção lá, e deixei de participar. Sabe eu estava dançando e tinha que fazer uma roda no meio do salão, eu não sou criança que dá umas rebolada lá. E riram de mim e eu não gostei, para evitar brigar eu afastei do SESC. Mas o professor é um amor”.

Regina Célia demonstra a insatisfação dela com os participantes, uma vez que eles riram dela, ou seja, ela entendeu as risadas como um a crítica e por isso deixou de participar do SESC. No entanto, elogia o professor. Percebemos que o professor não soube conduzir esse momento de insatisfação com as risadas das demais pessoas que estavam ensaiando a apresentação.

A participação em outros espaços enriquece o dia a dia das pessoas idosas. **Fabiola** afirma que participa: “– *Na Casa da Cultura toda sexta-feira é tenho costura, eu corto os panos lá, eu não sei costurar, mas cortar eu sei e, quando eles precisam eu faço a comida para turma que está trabalhando lá”.* O fato de desenvolver essas atividades possibilita uma integração com outros grupos.

Fafá de Belém prefere participar “no CATRU³ participo como modelo, antes era “cobaia” de manicure, de cabeleireiro faço sobancelha. Eu sou modelo, é mais chique”. Cuidar da beleza, como “modelo” uma vez que não tem custo e como ela mesma salientou: chique.

O simples fato de sair de casa, para fazer caminhada no bairro é um momento de descontração, de envolvimento com outras pessoas, de sair da sua rotina: casa, UAI; UAI, casa. **Brisa Maria** afirma: “– Eu faço caminhada no piscinão aqui no Bairro das Acácias todo dia de manhã, e fora disso só na UAI, onde eu faço zumba, ginástica”. Foi uma descoberta. **Brisa Maria** continua relatando: “–Agora eu tenho outras atividades a minha casa, eu pinto tela a óleo, adoro documentários, adoro escrever poesia, adoro escrever crônicas, adoro, adoro”. Para Brisa Maria estar em casa, pintar suas telas, escrever e assistir documentários é um momento para fazer uma reflexão em torno dos acontecimentos do dia, um momento de colocar em prática seus desejos, sentimentos, angústias através da arte, da crônica e da poesia. E **Brisa Maria** encerra dizendo: “– Eu acho que eu não tenho muito tempo, eu queria que o dia tivesse o dobro das horas”.

Em se tratando de participação, encerramos a discussão com as ponderações de **Cid Moreira**: “– Ainda canto, e ainda faço shows e pretendo parar no final do ano, porque eu estou com enfisema pulmonar, me sinto bastante cansado para fazer um show de três horas e meia”. Pode-se observar que Cid Moreira pretende parar de cantar, não por causa da sua idade, e sim devido aos problemas de saúde e, neste sentido, seria melhor reduzir o tempo de duração do show para que ele pudesse continuar alegrando as pessoas que comparecem aos shows.

2.1.4 A participação política das pessoas idosas na UAI

Eu notei que envelheci o dia que peguei um ônibus e a moça levantou para eu sentar. Aí que eu notei que eu estava envelhecendo. Eu aceito. Eu aceito a velhice normalmente, porque todos nós temos que passar por isso então é só felicidade é isso aí.

Mauricio Antônio, 80 anos

Ao trazer para o debate a participação política das pessoas idosas, é preciso compreender se as mesmas têm claro o que seja essa participação. Diante dos dados empíricos

³ Centro de Atendimento ao Trabalhador Rural.

coletados durante as reuniões do grupo focal com as pessoas idosas, foi possível entender que as mesmas não têm claro o que realmente é participação política. Portanto, cabe ao pesquisador mergulhar no que foi dito durante a coleta dos dados que norteiam esta análise em relação à participação política.

Para as pessoas idosas, o simples fato de reclamar ou cobrar algo que não esteja funcionando ou faltando na UAI é uma participação política, conforme aponta **Nalú**: “– *aqui às vezes não tá tudo funcionando, tá faltando Professor na Hidroginástica, o bebedouro está quebrado, algumas coisas tem um pouco de desconforto*”. O fato de faltar professor ou de o bebedouro não funcionar e a pessoa idosa cobrar providência é uma participação política, uma vez que elas não distinguem o que é apenas uma cobrança de algo que esteja faltando ou danificado de uma participação política dentro da instituição.

Sendo assim, **Nalú** continua dizendo: “– *Dentro da possibilidade também dá para mim, tá bom assim, podia tá melhor porque outras pessoas tem sentido falta às vezes nosso ventilador que está estragado*”, o calor deixa as pessoas idosas inquietas, uma vez que nossa região é de clima seco e quente, portanto, o ventilador faz falta.

Outra questão abordada por **Nalú** é o: “– *Derramamento de água, cano quebrado. Então são coisas assim que podia tá sendo revisado, tem que ter as pessoas para estar revisando uma estrutura*”. Conforme apontado por Nalú, são pequenos detalhes que acabam fazendo a diferença dentro da instituição, o fato do cano estar quebrado, o desperdício de água, leva a pessoa idosa a se preocupar com a questão ambiental.

Por isso Nalú apresenta sua preocupação em relação ao cuidado que precisa ter em relação a um cano quebrado dentro da instituição, uma vez que se faz necessário preservar a água, a fonte da vida. A participação política de Nalú se dá em relação à questão ambiental envolvendo o consumo/desperdício de água.

Rosana afirma: “– *O governo não abre mais para Estagiários vir aqui com a gente. Precisamos dos jovens aqui*”. Sua fala aponta para a importância de jovens participando com as pessoas idosas, mostra que ela reconhece o papel do estagiário na instituição ao dizer “precisamos dos jovens” e que compreende que os estagiários podem propor alternativas em favor das pessoas idosas; podem contribuir com a efetivação de uma política pública que seja capaz de atender as diversas necessidades das pessoas que frequentam diariamente a UAI. Caldart, Paludo e Doll (2006, p. 38) apontam que “o sujeito idoso só será liberto das armadilhas de uma sociedade capitalista se assumir uma postura crítica e política na prática, que lhe permita identificar as rupturas necessárias, ajudando e fazendo, concretizando-as”. No

entanto, cabe às pessoas idosas buscarem uma posição política no processo de tomada de decisão onde estiver participando enquanto sujeito de transformação da sua própria realidade social.

Para **Rosana**: “– *Participar é nota 1.000, por enquanto está cheio de gente aqui na UAI. Precisa estar cheio de gente de jovens ajudando os idosos, aqui muito espaço para funcionário público e falta para nós o contato dos jovens. Os jovens são muito filsoficos*”. Rosana, volta a dizer que a casa “precisa estar cheia de jovens”, os jovens trazem vida para o ambiente onde as pessoas idosas estão inseridas, por isso Rosana reitera com veemência a participação dos jovens.

Marta Rocha pondera que: “– *Participar é muito bom, me ajudará muito, cada dia entra mais gente, uns mais novos outros mais idosos e eles precisam de mais ajuda às vezes do que eu, eu tento ajudar o que eu posso, o que eu aprendo eu tento passar para frente também, eu gosto de ver no ar o gosto de participar*”. A participação política de Marta Rocha está relacionada em ensinar o que ela aprende para as demais pessoas idosas que estão chegando para participar na UAI, o que não deixa de ser uma participação política, pois se trata de ensinar para o outro o que aprendemos fazer ao longo da vida.

Segundo Mologni (2001), tanto as pessoas idosas como os jovens, podem aprender uns com os outros, uma vez que ambos são ao mesmo tempo professores e alunos, independentemente da idade cronológica. A participação das pessoas e dos jovens no mesmo espaço gera um ensino-aprendizagem para ambos os lados. No entanto, é preciso pensar na importância da participação política das pessoas idosas e dos jovens nos diversos espaços de inserção social para aqueles que estão em contínuo processo de envelhecimento.

Rosana denuncia que: “– *O funcionário público só fica sentado, tem 17 maravilhosos né, mas, a gente precisa de gente para nos ajudar a jogar bola, brincar com os jovens motiva os velhos*”. Rosana requer a participação dos jovens na UAI, para os mesmos joguem bola e brinquem com as pessoas idosas. Percebe-se que ao reclamar dos funcionários da instituição, Rosana está assumindo um ato político em relação ao trabalho dos servidores responsáveis pelo andamento da UAI.

Para Caldart, Paludo e Doll (2006, p. 40) “viver com idosos foi para nós ir além da primeira intenção que era a de perceber como os mesmos continuam aprendendo”. Conviver com as pessoas idosas é ir além de um aprendizado, é construir, juntos, uma nova visão de mundo, conforme se percebe através da colocação de **Brisa Maria**: “–*Participando você tem uma visão melhor do mundo e da situação que você tá vivendo e além do prazer da*

comunicação, de não se sentir sozinha, a gente tem que estar sempre interagindo com alguma coisa, com algum lugar, com as pessoas, para não ter solidão”. Pela fala de Brisa Maria, compreende-se que o fato de interagir com outras pessoas é uma participação política ao ver o mundo de outra forma.

Neste sentido **Cid Moreira** discorre que é bom participar:

Porque a gente conhece pessoas diferentes, pessoas que têm vontade de ter um contato com a gente e não podia porque o meio artístico não podia receber a pessoa no camarim, depois que estamos parando de cantar nós encontramos essas pessoas, bater um papo, conversando coisas boas é muito bom então me sinto bem com tudo isso.

Esse contato apontado por Cid Moreira é uma forma de ter uma participação política, porque o fato de poder encontrar, conversar com as pessoas, pode ser definido como uma participação política de Cid Moreira, uma vez que o mesmo sempre esteve nos palcos, cantando ao longo da sua vida.

Pedrinho aponta que sua participação no mercado de trabalho é uma decisão política: “– *Eu posso aposentar, mas ainda não quero não é tempo né. Já tenho tempo para aposentar, mais perde muito dindin e eu não quero*”. O fato de ter tempo para aposentar e não querer, uma vez que vai ter redução de seu salário, consiste em uma decisão política assumida por Pedrinho.

Conforme salientado anteriormente, as pessoas idosas não têm claro o vem a ser uma participação política, o que se pode confirmar na fala da **Maria de Fátima**: “–*eu parei de participar em uma sala de pelo fato do professor ser sem educação. Já reclamei várias vezes com Sr. Guerreiro⁴ tirando essa sala é bom*”. O ato de deixar de participar, e simplesmente reclamar para o Sr. Guerreiro e não lutar para melhorar a convivência na sala de aula, deixa de ser uma tomada de decisão, uma participação política da Maria de Fátima.

No que tange ao entendimento do que é realmente uma participação política, Gohn (2011, p. 15) discorre que:

Muito se falou e se produziu a respeito do tema participação nas últimas décadas, no Brasil e em outros países ocidentais; inúmeras foram as lutas para a conquista de espaços democráticos onde fosse possível exercer a participação de forma cidadã. Mas o entendimento do que seja participação continua sendo um enigma a decifrar.

⁴ Coordenador da UAI em 2018.

Conforme podemos perceber, a participação política das pessoas idosas precisa ser efetivada nos espaços de convivência, e na UAI não é diferente, sendo preciso decifrar o “enigma” que ainda existe em torno da temática.

A participação política das pessoas idosas precisa ser efetivada, uma vez que elas confundem a participação social com a participação política. É necessário desenvolver projetos que sejam capazes de transformar a realidade política das pessoas idosas que estão participando diariamente das atividades propostas pela UAI.

Não é correto deixar as pessoas idosas vivenciarem apenas uma participação social, é preciso inseri-las nos diversos espaços de debate tais como conselhos de direitos, espaços de discussões e definição das políticas públicas para as mesmas. Conforme Gohn (2011) não se deve deixar que a palavra participação faça parte de apenas discurso político e científico, é preciso trazer a participação para o campo político de construção de espaços, para a tomada de decisão do que é melhor para cada etapa da vida dos brasileiros.

2.1.5 A família, o trabalho e os amigos e na perspectiva das pessoas idosas

Conforme apontado na pesquisa, as pessoas idosas trazem consigo elementos que são fundamentais no processo de envelhecimento: a família, o trabalho e os amigos. Em pesquisa realizada em 2014, para o mestrado, as pessoas idosas participantes da pesquisa, apontaram a importância da família, do trabalho e dos amigos, o que aparece novamente na pesquisa realizada em 2018.

Embora o foco principal deste trabalho seja a participação política, entendemos ser de importância discutir o tripé: família, trabalho e amigos, que marca as pessoas idosas que frequentam diariamente a UAI. Não é possível ignorar que, ao longo da vida, as pessoas idosas conviveram com a família, no trabalho e estabeleceram vínculos afetivos de amizade.

Para se debater o tripé apresentado pelas pessoas idosas, é necessário estabelecer laços de convívio entre a família, o trabalho e os amigos ao longo da vida, uma vez que essas três categorias, ao longo da existência humana, marcam profundamente a vida das pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento.

2.1.5.1 A família

Para podermos viver bem e chegar aos 103 anos é preciso comer frango caipira e tomar uma cerveja Brahma.

No entanto, vale ressaltar que a conquista da longevidade acontece pela capacidade e pela motivação física, psicológica, também pela busca ativa de seus objetivos e na luta das conquistas tanto pessoais como familiares. Nesse sentido, a família os amigos e o trabalho desempenham um papel fundamental no processo de envelhecimento daqueles que estão ao seu lado. Magalhães (1989, p. 97) discorre que para a pessoa idosa “[...] é possível estar solitário no grupo, na família, no trabalho ou em qualquer outra situação.” No entanto, é preciso permanecer atentos à realidade da pessoa idosa no núcleo familiar, é necessário que tenha a participação no dia a dia da família. **Maria** aponta: “– *Tenho uma família que me apoia em tudo*”. A pessoa idosa precisa receber da família apoio em todos os momentos da vida.

Marta discorre que: “– *A gente reúne duas vezes por semana com a família, dia de quarta e sexta, no sábado e domingo eu vou para casa*”. Os encontros da família são momentos de fraternidade, de troca de experiências, de acolhida e proporcionam à pessoa idosa interação intergeracional com os filhos, netos, sobrinhos, bisnetos entre outros, **Marta** continua dizendo: “–*Eu gosto muito de participar de eventos em da família*”. Já **Cid Moreira** afirma: “–*Hoje eu estou velho, mas eu me sinto feliz porque soube criar minha família, meus filhos e um ouro, estou muito feliz de estar aqui na UAI*”. Cid Moreira aponta a importância de criar bem os filhos e, nesse sentido, devido a esse criar e saber que os filhos estão bem, ele não precisa se preocupar com os mesmos nessa fase da vida.

Camarano, Kans, Mello e Pasinato (2004, p. 140) dizem que “[...] a direção do fluxo de apoio intergeracional parece ser mais expressiva vindo das gerações mais velhas para as mais novas ao longo de grande parte do ciclo de vida dos indivíduos”. Sobre o fato de participar da UAI, **Marta Rocha** aponta: “– *Minha família me incentiva, me traz, me leva, e a gente fica cada dia mais feliz, graças a Deus muito feliz muito, muito feliz*”. As pessoas idosas precisam ter o apoio da família para poder exercer sua cidadania, suas atividades de lazer, de socialização em outros ambientes que não seja o familiar.

Assegura **Ana Júlia** que participar é um motivo: “–*Para não ficar em casa, para distrair a cabeça, não ficar em casa e esquecer os problemas da vida, os problemas de saúde, esquecer os problemas de família*. Conforme podemos perceber, Ana Júlia precisa sair para poder esquecer os problemas de família, nesse sentido, compreende-se que existem conflitos na família e que o fato de estar na UAI permite que ela se esqueça deles, uma vez que **Maria**

pondera dizendo: “–*Depois que eu estou aqui os problemas ficam em casa né, da família*”. A UAI é um motivo para esquecer esses problemas gerados na família. Camarano, Kans, Mello e Pasinato (2004, p. 137) declaram que:

O envelhecimento populacional traz mudanças nas famílias. Estas também envelhecem, o que pode ser medido pelo aumento da proporção das famílias com idosos residindo e pela sua maior verticalização, ou seja, pela convivência de várias gerações. Essa convivência pode significar co-residência ou não.

Neste sentido de vivenciar diversas realidades, observa-se a realidade que *Nalú* traz para o debate, ao afirmar: “– A gente fica sedentário, a gente fica sozinho, os filhos casa e adquire a família deles né”. O fato dos filhos terem outra família, leva a pessoa idosa a ficar sozinha em casa, e se tornar sedentária quando não tem uma vida ativa e nem participa na comunidade. E *Bagre* vem complementar dizendo que: “– *Se não participar você vai ficando muito xucro (risos), estando aqui é outra família é um modo de vida, outro nível de vida para o idoso*”. As pessoas idosas consideram as pessoas que estão fazendo parte do seu convívio social como uma família. E, conforme Magalhães (1989), a pessoa pode estar morando com a família, com outras pessoas de seu convívio mais em seu imaginário pode estar sozinha.

Portanto, *Nalú* coloca que: “– *Os pais morrem, então a gente fica perdido e aqui é uma família a gente vem para cá, a gente estuda, a gente faz o que gosta, eu gosto muito de bordar, eu gosto muito de culinária, são duas aulas de culinária por semana e 3 de bordados e para mim tem sido muito bom participar*”. Na UAI, há uma nova família que vai sendo construída, quando as pessoas idosas vão perdendo seus entes queridos ao logo da vida. Camarano e Pasinato na obra *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* (2004, p. 10) ponderam que:

Os idosos vivenciaram grandes transformações como a queda da mortalidade materna e experimentam, agora, a queda da mortalidade nas idades avançadas. São os sobreviventes da alta mortalidade infantil por doenças infecto-contagiosas, por neoplasias malignas e doenças cardiovasculares na meia idade.

Os atUAIs idosos são aqueles que sobreviveram no momento em que as altas taxas de mortalidade infantil da época que nasceram e que, ao longo de suas vidas, tiveram que enfrentar as mais diversas mudanças da realidade social as quais estavam inseridos.

Nesse processo de envelhecimento, as transformações vivenciadas pelas pessoas idosas vêm assegurar a importância da família em suas vidas, tal como diz *Fafá de Belém*: “–*A família fundamental para o idoso, primeiro lugar o conhecimento, amizade, companheirismo, o Guerreiro, a maioria me curte*”. Como se pode perceber na fala de Fafá

de Belém, a família, na vida da pessoa idosa é fundamental, independente dela ser biológica ou por afinidade, o ser humano precisa dos cuidados e proteção da família, ao longo da vida, independentemente da idade.

Diante da importância da família para as pessoas idosas, entendemos que não se poderia deixar de discutir essa categoria no presente estudo. A família é o ponto de referência para as pessoas idosas, onde as mesmas buscam manter seus vínculos afetivos, quer no cuidado com os filhos ou dos netos. A família é a referência em todos os momentos da vida.

2.1.5.2 O trabalho

Eu fico feliz de poder participar, contribuir para esse trabalho que você está fazendo, então eu me sinto muito grata de você poder me procurar e, eu colaborar de alguma forma com o conhecimento.

Fernanda, 62 anos.

Ao se discutir o trabalho na perspectiva das pessoas idosas, é preciso compreender o que Lessa (2012, p. 25) afirma em relação ao trabalho:

É a atividade humana que transforma a natureza nos bens necessários à reprodução social. Nesse preciso sentido, é a categoria fundante do mundo dos homens. É no trabalho que se efetiva o salto ontológico que retira a existência humana das determinações meramente biológicas. Sendo assim, não pode haver existência social sem trabalho.

O trabalho é uma atividade fundante para o ser social, uma vez que necessitamos dele para poder ter uma participação social efetiva, onde o ser humano é capaz de transformar a natureza em meios de subsistência para si, para sua família e comunidade.

Não obstante dessa realidade de transformação, o ser humano está inserido, em uma sociedade onde o trabalho faz parte do cotidiano das pessoas. Diante das necessidades do homem e da mulher em transformar a natureza em algo que possa ter um desenho social. Lessa (2012, p. 85) informa que:

A primeira necessidade humana, aquela cujo não atendimento implica na impossibilidade de qualquer sociedade, é a reprodução biológica dos indivíduos. E isto apenas é possível pela transformação da natureza nos bens necessários à reprodução social (alimentos, vestuário, moradia, etc.).

É através da reprodução social dos bens e serviços que o ser humano se realiza enquanto sujeito social em constante processo de transformação da sua própria realidade. O ser humano tem a necessidade de transformar a natureza para poder satisfazer seus desejos e necessidades básicas tais como: alimentação, lazer, vestuário, moradia, educação, criar os filhos e netos, dentre outras.

Porém, o trabalho quando intenso acaba tirando as pessoas do convívio familiar e ou até mesmo social. Trabalhar em excesso pode impedir as pessoas de participar de outras atividades que não estejam ligadas diretamente ao trabalho, conforme se constata na fala de **Maria** : “– *Trabalhei 38 anos com registro em carteira de trabalho, eu nunca tinha tempo de participar de nada*”. Não ter tempo para participar de outras atividades desvinculadas do trabalho, impede que as pessoas possam buscar outras oportunidades ao longo da vida. Paiva (2014, p. 61) contribui dizendo que “o anseio pela liberdade, sobre a pressão das forças econômicas, protagonizou revoltas coletivas, ou seja, estratégias de lutas e resistência por parte dos camponeses”. O envelhecimento não pode ser marcado por uma etapa da vida rodeada de impedimentos e constrangimentos, das mais diversas ordens. Por isso a importância do trabalho para o ser humano.

É através do trabalho que o homem e a mulher vão cunhando suas necessidades cotidianas. **Marta** reporta ao trabalho dizendo que: “– *Durante a minha vida eu tinha dois trabalhos. A minha vida é muito corrida e faz três anos que eu parei, dei uma estabilizada na minha vida*”. Neste sentido, é possível perceber que Marta se refere ao duplo trabalho, no entanto, ela tinha uma jornada tripla, ela esqueceu que em sua casa também exercia atividades ao retornar do trabalho, e após a aposentadoria, em sua avaliação, sua vida está estabilizada.

Por sua vez, **Rosária** ao pensar nos anos que trabalhou, aponta que: “– *Minha experiência em relação ao envelhecimento é a falta de respeito com quem trabalhou a vida inteira e o governo não paga o salário justo que a gente trabalhou*”. Constata-se que ela tem ciência de que o trabalhador é desrespeitado ao aposentar e sua renda passa por uma alteração que compromete o orçamento familiar, pois relata que o governo não paga um salário justo.

No entanto, as pessoas idosas apontam o trabalho como um dos elementos essenciais para elas, mesmo sendo trabalhos artesanais e pequenos afazeres em casa. Conforme sinaliza **Fernanda**: “– *Eu estou muito feliz de vir aqui na UAI. Já tem mais de 12 anos que eu frequento, é muito bom, eu procuro fazer todos meus trabalhos de artesanato, trabalho em casa com agilidade, mas você não tem aquela agilidade de antes*”. **Nalú** também traz que: – “*Ao chegar na minha casa, na parte da tarde que eu estou só, aí eu tenho que fazer meus*

trabalhos, tenho que cumprir a tarefa né”. Portanto, ressaltamos que a pessoa idosa é criativa, encontra novas possibilidades e outras formas agradáveis para desfrutar a vida e não cair no sedentarismo.

Marx (2008, p. 306) discorre que “o trabalho, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho, que todo seu tempo disponível é, por natureza e lei, tempo de trabalho”, ou seja, nascemos para o trabalho, e o tempo todo estamos trabalhando, ora para o capital, ora para ocupar o tempo após a aposentadoria. **Cristina Castrosse** pondera que: “– *Não tomo nenhum tipo de remédio, não sinto dor de nada, trabalho faço tudo que eu tenho que fazer, cuidado de casa, cuida de tudo, graças a Deus só estou envelhecendo bem*”. A pessoa idosa dá mais valor aos diversos momentos de sua vida, presta mais atenção nos pequenos detalhes da vida, das atividades é senhor dos seus desejos e luta pelos mesmos, constrói e reconstrói suas relações sociais, familiares, econômica entre outras

Marta Rocha também discorre sobre os trabalhos manuais afirmando: “– *Participo das festinhas que tem como dia das mães. Aqui a gente sempre tem um grupo de trabalhos manuais*”. As tarefas de casa para as pessoas idosas são importantes para que elas não deixem de se exercitarem, movimentarem e não fiquem sedentárias dentro da própria residência.

Para Neri e Cachioni (1999) o artesanato é uma atividade, na qual as pessoas idosas podem desenvolver suas potencialidades, ocasionando benefícios para aqueles as realizam.

Ressaltamos a importância do trabalho manual, do artesanato para as pessoas idosas como forma de autonomia para as pessoas idosas, que acabam se desenvolvendo na dinâmica, com perspectivas de abrir-se para o mundo da criatividade e desenvolvimentos para uma inovação da condição de vida após a aposentadoria.

2.1.5.3. Os amigos

É muito cansativo e as viagens são longas então agora estou parando [com os shows] mesmo, vou cantar só para os meus amigos.

Cid Moreira, 71 anos.

Historicamente as pessoas idosas vivenciam o “afastamento” social e, frequentemente, estão excluídas dos ambientes familiar, das relações interpessoais, de trabalho, principalmente a partir do momento da aposentadoria, momento este em que se perdem ou se reduzem drasticamente os vínculos de amizades.

No Brasil, os grupos de convivência para as pessoas idosas emergem na década de 1960, por meio do Serviço Social do Comércio (SESC), na cidade de São Paulo. E, a partir do momento que perceberam que os aposentados estavam andando perdidos na unidade do SESC sem nada para fazer, foi criado um programa para ocupar o tempo das pessoas idosas aposentadas. Dada à aceitação SESC (1999, p. 6) aponta que em “1970, o técnico Marcelo Antônio Salgado reorganizou e sistematizou as ações da Atividade Trabalho Social com Idosos, possibilitando assim o crescimento significativo de grupos e número de novos integrantes, além da diversificação e da qualidade dos programas”. E, logo depois, a ideia dos grupos de convivência para as pessoas idosas se espalhou por diversas regiões do país.

O desafio de proporcionar trabalho de assistência às pessoas idosas, que vão além da “caridade” e do “afastamento social.” Eis que surgem os espaços de convivência e resgate de vínculos no que diz respeito a novos amigos e amigades, após a aposentadoria dos idosos trabalhadores.

Neste sentido, é preciso ponderar quanto à importância dos amigos na vida das pessoas idosas, pois os mesmos relatam o quanto é importante ter amigos e fazer novas amigades. Os espaços de participação social são propícios para a construção de novos caminhos bem como de novas amigades para as pessoas idosas, conforme afirma **Nalú**: “–Aqui na UAI eu fiz bons amigos, bons relacionamentos”. E **Cid Moreira** complementa dizendo que: “–Aqui eu tenho bastante amigos”. Na fala de Nalú e de Cide Moreira é possível perceber que eles fizeram muitos amigos, e isso é bom para a pessoa idosa, porque elas vão descobrindo que outras pessoas também têm dificuldades, a partir do momento que estão aposentados.

Mariana traz para reflexão que: “–Ah! Eu fiz amigos e eu me sinto melhor, porque a gente esquece um pouco, lá fora a gente aprende a conviver com outras histórias e valorizar mais a vida, também porque tem muitas pessoas que estão em condições piores, mais velhas com mais dificuldades”. **Maria Helena** contribui dizendo que:

“–Na UAI é muito bom é muito bom mesmo a gente conhece pessoas diferentes, melhora seu astral quando eu vim para a UAI estava pequenininha meu marido faleceu, muita depressão. Agora graças a Deus estou bem, estou me divertindo muito, ótimas amigade, tem bons amigos aqui tudo pessoa sincera, com pessoas que respeitam muita a gente”.

Almeida e Maia, (2010, p.748) ponderam que “é certo que as redes de amigos proporcionam ao idoso, oportunidades de interação social e sensação de bem-estar e que o melhor caminho para evitar a solidão é envolver-se com outras pessoas e fazer novas

amizades”. As redes de amizades constituem um espaço de troca de experiências, o que contribui com seu bem-estar e melhorias na saúde.

Uma vez que os amigos motivam uns aos outros na busca de superação da depressão conforme apontado por Maria Helena. **Nalú** contribui dizendo que: “*– Fiz muitos amigos aqui dentro, por isso que eu gosto de falar o que eu sinto, aqui é mais aconchegante. Sabe a gente perde aquela solidão que tem em casa, ficar sozinha e de morar só*”. Os amigos não deixam que a pessoa idosa fique sozinha em casa, eles articulam entre si, para que todos possam estar reunidos.

Pedrinho: “*– Muita coisa boa aprendi, até lidar com povo, mais amigos, as atividades para os idosos são boas demais à gente pega atividade com delícia, aprender com os outros o que é o que não é o correto isso é muito bom*”. Com os amigos por perto, Pedrinho relata que “pega a atividade com vontade de aprender” e aprende de forma correta, uma vez que está aprendendo junto com outras pessoas idosas, um contribuindo com o outro. Esse fato de aprenderem juntos, motiva a pessoa idosa a superar os desafios no processo ensino-aprendizagem.

Para **Regina Célia**: “*– Para me tirar da solidão, aqui estou no meio dos meus amigos, são todos gente boa, todos gente boa mesmo. Adoro participar com eles*”. O fato de estar com amigos é um motivo para sair da solidão, Azeredo e Afonso (2016, p. 314) descrevem que: “a solidão é um sentimento penoso e angustiante, que conduz a um mal-estar em que a pessoa se sente só, ainda que rodeada de pessoas, por pensar que lhe falta suporte, sobretudo de natureza afetiva”. E os amigos são um sustentáculo para pessoa idosa. Conforme se confirma na colocação efetuada por **Mara** “*– Aqui é totalmente diferente do que a gente pensava, aqui encontra apoio dos amigos de verdade é um momento que a gente passa sem nem ver o dia passar*”.

Farate & Dias *apud* Azeredo e Afonso Pocinho, (2016, p. 314) apontam “[...] uma condição afectiva adversa, acompanhada de cognições problemáticas e circunstâncias de vida desfavoráveis, estratégias inadequadas de resolução de problemas, padrões interactivos disfuncionais, entre outros factores de carácter individual e/ou social. ” Que interfere na saúde da pessoa idosa, ao ficar excluída do convívio social, familiares e amigos.

Para Azeredo e Afonso (2016, p. 314) “o homem vive num mundo em constante transformação, interagindo, como ser social que é de forma intensa e continuada com o mesmo. Sua saúde e bem-estar dependem da homeostasia interna e externa que ele consegue estabelecer com o meio”. As transformações do mundo precisam ser vivenciadas pelas pessoas

idosas de forma prazerosa, em contato com o mundo que as rodeiam, participando do cotidiano da comunidade, encontros familiares e com amigos. A participação da pessoa idosa com os amigos proporciona bem-estar às mesmas, uma vez que elas vivenciam as transformações que vem ocorrendo em sua vida de forma prazerosa.

Maria aponta que: “– *Sentir sozinha! Ficar sozinha não, não, não ficar. Aqui não me aborreço porque estou com meus amigos, eu me sinto muito bem então, eu, eu, eu, prefiro ficar aqui*”. Para Maria, estar com os amigos é muito melhor, porque estando com seus amigos não tem contrariedade, ela traz a questão do “aborrecimento”, que vivencia em sua casa. Aponta ainda que ficar sozinho em casa, não tem a oportunidade de fazer novas amizades. **Maurício Antônio** “*não ficar em casa preso e não ter contato com a população, eu queria ter amigos. É isso aí*”. Ter amigos nesse momento que experimentam o avançar da idade é colocar-se disponível para o novo, para as transformações que vem ocorrendo em sua vida, na busca de novas possibilidades, aprendizagens. É o momento para buscar novas possibilidades no mundo das constantes transformações.

Otávio complementa dizendo que: “– *E aí com isso eu vou tocando a vida, mas às vezes tem uns lugares também quando eu saio de Uberaba/MG, vou em sítios dos parentes, amigos, a gente passa fim de semana e diverte tudo lá é muito bom também*”. O que para **Maurício Antônio**: “– *É muito bom, é uma felicidade muito grande estar participando com os amigos, fazendo amizade é nota 10 participar*”. Constata-se que ter amigos é muito importante para as pessoas idosas que participam diariamente das atividades da UAI, ou sena, estar com amigos é 10, tal como ressalta Maurício Antônio.

Podemos perceber o quanto os amigos são importantes na vida das pessoas idosas, no momento em que se constrói uma rede social, e esta tem um papel fundamental no processo de participação ressocialização daqueles que deixaram-se seduzir pelos benefícios de conviver com outras pessoas da sua geração. Essa rede social é uma das melhores em descobertas, de cumplicidade na construção da identidade da juventude. Alves (2007, p. 130) relata que “a existência de uma esfera de amizade ativa entre os idosos é um indicador relevante das práticas de sociabilidade vigente entre os idosos no meio urbano”.

Os amigos possibilitam à pessoa idosa um momento de descontração e de aprendizagem, uma vez que, também trazem em si elementos do processo de envelhecimento que perpassa pela vida daqueles que estão vivendo o prazer de poder conviver com novos amigos após os longos anos de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sinto bem em estar aqui reunido com as pessoas de uma idade só. Pegar as velhas e sair dançando. Tá bonito aqui, a gente não fica sozinho.

Josidalino, 80 anos.

Ao mergulharmos na construção do conhecimento nos colocamos diante de inúmeras inquietações enquanto pesquisador.

Compreender o processo de envelhecimento é mergulhar em um mundo desconhecido, uma vez que em cada continente o envelhecimento se processa de modos diferentes para aqueles que estão vivendo mais após os avanços conquistados na saúde, na tecnologia, na alimentação dentre outros.

Envelhecer significa superar obstáculos ao longo da vida e as pessoas idosas que participam diariamente da UAI, souberam enfrentar os desafios do seu momento histórico e estão podendo aproveitando de forma saudável o envelhecimento. Envelhecer é muito pouco, é preciso envelhecer com saúde, segurança e participação.

É preciso ir além de uma simples participação, é necessário que essa participação social ultrapasse os limites e seja uma participação política, onde as pessoas idosas sejam capazes de apontar as suas necessidades e não simplesmente aceitar o que lhe é oferecido. É preciso ir além, ou seja, ocupar os diversos espaços de debates e de construção das políticas públicas voltadas às pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento.

Neste sentido, após realizarmos a terceira pesquisa na UAI, que culminou na dissertação de mestrado, as inquietações continuaram e buscamos respostas para as seguintes perguntas: A participação política das pessoas idosas que frequentam a UAI se dá de forma efetiva? Diante da realidade social das pessoas idosas, a política pública desenvolvida na UAI desencadeia interesses por uma participação política e elas se tornam parte integrante na tomada de decisões das ações que são desenvolvidas na instituição? Foi preciso buscar uma resposta às inquietações as quais resultaram na presente tese de doutorado.

Ao ser realizada a apreensão e análise dos dados empíricos, percebemos que as pessoas idosas não tem uma participação política, e descobrimos que elas vivenciam no seu dia a dia a participação social. Confirmou-se o pressuposto de que: O trabalho desenvolvido pela UAI demonstra limites, em se tratando da participação política das pessoas idosas, uma vez que, as mesmas são sujeitos de direitos e não apenas usuários dos serviços.

Consideramos que as pessoas idosas que frequentam a UAI vivenciam apenas uma representação, uma vez que as mesmas não exercem efetivamente uma participação política na tomada de decisão da política ofertada pela instituição que tem a missão de atender as pessoas idosas do município de Uberaba-MG.

Portanto, a UAI enquanto espaço de convivência, de redes de amizade e solidariedade, importante para saúde e combate ao isolamento social das pessoas idosas, atinge seu objetivo enquanto espaço de socialização e participação social.

A UAI é uma instituição que possibilita as pessoas idosas, o exercício da autonomia para escolher as atividades, incentivo ao desenvolvimento de habilidades pessoais, recomposição de vínculos que vão além do ambiente laboral.

Nesse sentido, a UAI é uma consolidação das políticas públicas para as pessoas idosas no município de Uberaba – MG, uma vez que a mesma se inscreve no campo da Assistência Social.

Cabe à instituição contribuir com o “empoderamento político” das pessoas idosas que frequentam diariamente a UAI. Discutir a participação política com as pessoas idosas e abrir um leque de possibilidades de participação das mesmas que vai muito além do simples fato de exercer apenas uma representação social, é abrir caminhos para o crescimento e fortalecimento das ações desenvolvidas no município de Uberaba-MG, e ser um marco referencial da política pública para as pessoas idosas do país.

Salientamos que um dos desafios é desenvolver nas pessoas idosas a consciência quanto à importância de se ter uma participação política. Portanto, após tomar consciência do quanto será importante para elas bem como as demais pessoas que estão em contínuo processo de envelhecimento, elas irão fechar o ciclo que envolve a participação social e política.

No entanto, faz-se necessário compreender que em todos os espaços de participação é preciso ter clareza da importância da participação política, enquanto instrumento de participação e busca de tomada de decisões para efetivar uma política social que seja capaz de transformar a realidade das pessoas que estão envolvidas.

Por isso, consideramos ser necessário para as pessoas idosas apontar os passos para se construir uma participação política. Passos estes que devem envolver todos os técnicos, diretores, administrativo, conselheiros dos direitos das pessoas idosas, gestores e comunidade para discutirem o que se tem e o que querer para as futuras gerações de pessoas idosas do município de Uberaba-MG. Esse é um dos grandes desafios, que precisa ser enfrentado pelo

Serviço Social, bem como pelas demais categorias profissionais que atuam na UAI. Uma vez que a prática do Serviço Social se inscreve no enfrentamento das várias manifestações da questão social e no “empoderamento” das pessoas idosas em busca de uma participação política.

O Serviço Social por ser uma profissão de caráter sociopolítico, crítico-propositivo e interventivo, que se utiliza de instrumental científico para atuar junto às diversas manifestações da questão social bem como na promoção social e política das pessoas idosas, tem que assumir esse compromisso de efetivar uma participação política e não somente uma participação social.

Trazer a participação política das pessoas idosas para o centro dos debates, “empoderar” essas pessoas de conhecimento e vontade de lutar até o último momento de suas vidas por melhores condições de vida para elas e para todos nós que estamos em contínuo processo de envelhecimento, uma vez que o debate em torno da participação política não se encerra aqui...

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. K, e MAIA, E. M. C. **Amizade, Idoso e Qualidade de Vida: Revisão Bibliográfica.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 4, p. 743-750, out/dez. 2010.

ALVES, A. M. **Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares.** In: NERI, A. L.; **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

AMMANN, S. B. **Participação social.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá e AFONSO, Maria Alcina Neto. **Solidão na perspectiva do idoso,** Ver. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2016

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 1977. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/167242635/Bardin-Laurence-Analise-de-Conteudo-Completo>> Acesso em: 5 mar. 2018.

BEAUVOIR, S. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOMFIM TRAD, L. A. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2009.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação.** 8. Ed. São Paul: Brasiliense,1994.

BOURGUIGNON, J. A., **A centralidade ocupada pelos sujeitos que participam das pesquisas do Serviço Social.** Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 7 n. 2 p. 302-312. Jul. /dez. 2008.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988.** 52 ed. Brasília: Câmara dos deputados, Edição Câmara, 2017.

BRASIL, **Estatuto do Idoso,** 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm > Acesso em: 15 jun.2018.

BRASIL, lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994,**Política Nacional do Idoso.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm> aceso em: 15 jun. 2018.

BRASIL, **Lei Orgânica da Assistência Social.** 1993. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/LoasAno_tada.pdf> Acesso em: 15 jun. 2018

BRASIL, **Política Nacional do Idoso.** 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm> Acesso em: 03 jun. 2018.

BRITO, F. A reinvenção da transição demográfica: envelhecer antes de enriquecer? Belo Horizonte: UFMG, Cedeplar, 2010. 21p.

CALDART, R. S., PALUDO, C. e DOLL, J. **Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores.** Brasília: PRONERA: NEAD, 2006

CAMARANO, A. A. **Estatuto do idoso: avanços com contradições.** Textos para discussões 1840. Rio de Janeiro, junho de 2013.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO J. L.; PASINATO; M. T. **Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades.** In: (Org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. (Org). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004 Disponível em:
<http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_04_Introducao.pdf >
Acesso em: 05 ago. 2018.

CASTRO, M. C. **Filosofia na literatura.** Mídia digital. 2011. Disponível em:
<<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/article/view.author.php?1>>.
Acesso em: 20 abri. 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do. Brasil. **Fraternidade e pessoas idosas: Texto-base CF-2003.** São Paulo: Salesiana, 2002.

DALLARI, D. de A. **O que é participação política.** Coleção 104 – Primeiros Passos – Editora

DE MAIS, D., O Ócio Criativo; **entrevista a Maria Serena Palieri;** tradução de Léa Manzi, Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEBERT, G. G. Gênero e Envelhecimento. Estudos feministas. V2, Nº 3.

DEMO, P.; **Participação é conquista: noções de política social participativa.** 5. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

DOLL, J.; GOMES, Â.; HOLLERWEGER, L.; PECOITS, R. M.; ALMEIDA S. T. **Atividade, Desengajamento, Modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento.** Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento. Porto Alegre. Vol. 12, 2007.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** Cadernos de Pesquisa, nº115. Março de 2002.

FALEIROS, V. de P. **O paradigma da correlação de forças: uma proposta de formulação teórico-prática.** In.: FALEIROS, Vicente de Paula. Estratégias em Serviço Social. 10ª Ed – São Paulo: Cortez, 2010.

GIFFONI, R. M. M. **Intervenção e pesquisa em Serviço Social.** CFESS – ABEPSS – CEAD – UNB. Modulo 5. Brasília: UNB, 2001.

GOHN, M. G. **Conselhos Gestores e Participação Sociopolítica**. 4. Ed – São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, M.G. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. São Paulo: Saúde e Sociedade, 2003.

JUNGES, J.R. (2004). **Uma leitura crítica da situação do idoso no atual contexto sociocultural**. Porto Alegre (RS): Estud. Interdisciplinar. Envelhecimento, 6, 123-144.

LESSA, S.; **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. 3. Ed. Instituto Lukács. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.sergiolessa.com/Livros2012/MdoH.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2018.

LUCCHETTI, Giancarlo et al. **O idoso e sua espiritualidade: impacto sobre diferentes aspectos do envelhecimento**. Ver. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2011.

LUNARDI, J. e RABAIOLLI, J. A. **Valorização e Preservação dos Recursos Hídricos na Busca Pelo Desenvolvimento Rural Sustentável**. Revista OKARA: Geografia em debate, v.7, n.1, p. 44-62, 2013.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MARCH, J. G.; OLSEN, J. P. **Neo-institucionalismo: fatores organizacionais na vida política**. Revista Sociologia Política, Curitiba, v. 16, n. 31, p. 121-142, nov. 2008.

MARX, K. (1851-52) **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. Tradução Leonardo Konder. In: Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos. 2 ed. Seleção de textos de Jose Arthur Gianoti; Traduções de José Carlos Bruni (ET all). Coleção Os Pensadores. São Paulo: abril Cultural, 1978.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 26. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOLOGNI, Irene. **As possibilidades de novos arranjos intergeracionais**. Revista Kairós gerontologia Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP. São Paulo: EDUC, 2001.

NERI, A. L. e CACHIONI, M. **Velhice bem-sucedida e educação**. In: NERI, Anita Libralesso; DEBERT, Guita Guin. (Orgs.) **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

NERI, A. L. **Palavras Chave em Gerontologia**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2005.

PAIVA, S. de O. C. e. **Envelhecimento Saúde e Trabalho No Tempo de Capital**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PAPALÉO NETTO, M. Et. Al. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1996.

PATEMAN, C. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PEDROSA, W.C.; **Envelhecimento ativo: um desafio para a equipe multidisciplinar e para as pessoas idosas frequentadoras da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), no município de Uberaba/MG**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: 2014.

PRADO, S. D., & SAYD, J. D. **A gerontologia como campo de conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político**. 2006. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(2), 491- 501. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11n2/30436.pdf>. Acesso em 05 de jul. 2018.

ROLNICK, R. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. Tradução Lourdes Santos Machado. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978. (Os Pensadores).

SAYAGO, D. A. V. **A invenção burocrática da participação: discursos e práticas no Ceará**. Tese (Doutorado) Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2000. 210 p

SESC – DR- 90 - SP, Informações contidas no documento institucional do SESC, **Trabalho Social com Idosos de 1963/1999: 36 anos de realizações**.

SILVA, J. M. da. **A autonomia da Escola pública: A re-humanização da escola**. Campinas – SP: Papirus, 1996.

SILVA, S. M. **Envelhecimento Activo Trajectórias de Vida e Ocupações na Reforma**. 2009. (Mestrado em Sociologia) Faculdade de economia da universidade de Coimbra. Portugal. Disponível em:

<<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12294/1/Disserta%20c3%a7%20Sofia%20Maia%20Silva.pdf>> Acesso em: 20 abr 2018.

UBERABA, **Lei Orgânica do Município de, 2002**. Disponível em: <http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/acervo//administracao/arquivos/lei_organica_municipal.pdf> Acesso: 15 mai. 2018.

UBERABA, **Política Municipal do Idoso de 2006**. Disponível em:

<<https://leismunicipais.com.br/a/mg/u/uberaba/lei-ordinaria/2004/952/9520/lei-ordinaria-n-9520-2004-dispoe-sobre-a-politica-municipal-do-idoso-cria-o-conselho-municipal-dos-direitos-do-idoso-e-da-outras-providencias>> Acesso: 02 jun. 2018.

VEIGA, M. R. M. CORDEIRO A. M. R. e FERREIRA, S. C. M. **Territorialidades Educadoras na Construção de Velhices com Qualidade**. 2014. Disponível em: <http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/79/pdf_14> Acesso: 21 de nov. 2018.

WORLD, HEALTH ORGANIZATION, **Envelhecimento ativo: uma política de saúde** / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em:

<http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/envelhecimento_ativo.pdf> Acesso em: 30 mai. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE: A

**ROTEIRO DE PERGUNTAS GRUPO FOCAL COM AS PESSOAS IDOSAS
ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA**

Nome: _____

Nome Fictício: _____ Idade: _____

Participa da UAI quantas vezes por semana: _____

Participa da UAI desde: _____ Estado Civil: _____

Escolaridade: _____ Renda: _____ Mora com quem: _____

Trabalha: () Sim () Não – Profissão: _____

Participa de atividades:

CRAS: () Sim () Não - Qual: _____

UBS: () Sim () Não - Qual: _____

Pastoral: () Sim () Não - Qual: _____

Igreja: () Sim () Não - Qual: _____

Associação de Moradores: () Sim () Não - Qual: _____

Conselhos: () Sim () Não- Qual: _____

Conferência: () Sim () Não- Qual: _____

Outros: () Sim () Não - Qual: _____

Quais serviços utiliza na cidade de Uberaba? _____

Quais serviços utiliza na UAI? _____

1 - Qual é a sua experiência de vida em relação ao envelhecimento.

2 - Conte-me sua história/experiência de vida em relação à participação.

3 - Em que espaços do município, ou das políticas públicas no município, tem participado.

4 - O que motiva sua participação.

5 - Sua participação é motivada por qual/quais necessidade/s.

6 - Como avalia estes momentos ou processos de participação.

APÊNDICE: B

CONVITE PARA PARTICIPAR COMO SUJEITO DA PESQUISA

Você é nosso (a) convidado (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada:
ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Wanderley Cesar Pedrosa, portador RG.: -----
SSPMG, CPF.: -----, residente Rua Dom Bosco, 496, na cidade de Frutal-MG. Telefone:
34-99971-3644.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Josiani Julião Alves de Oliveira, da UNESP-FRANCA-SP,
portadora do **RG.:** -----, CPF.: -----, Rua Joaquim Nabuco, 135 Castelo, Batatais-SP,
CEP.: 14.300-000. Telefone: -----

RESUMO DO PROJETO DE PESQUISA: O envelhecimento perpassa toda a trajetória da vida pessoal, familiar, social e só é compreendido em um determinado tempo, a partir do momento em que a pessoa começa a perder a força vital. Essa perda é um marco biológico que todo ser humano passará automaticamente ao chegar à velhice. O objetivo geral desta pesquisa é compreender a participação política das pessoas idosas, frequentadoras da Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), localizada no município de Uberaba/MG. Consistem em objetivos específicos: Compreender sobre o processo de envelhecimento na concepção das pessoas idosas frequentadoras da UAI; estudar as mudanças desencadeadas nas pessoas idosas, sob a perspectiva da participação social, política e do envelhecimento ativo, bem como a contribuição das mesmas na efetivação da política pública da UAI, no município de Uberaba/MG; contextualizar a UAI nas políticas nacionais relacionadas às pessoas idosas. Ao final da pesquisa, esperamos poder: Contribuir para o aprimoramento dos profissionais e estudantes por meio do conhecimento em relação ao processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas na atualidade; Contribuir para com o debate atual sobre o processo de envelhecimento e ao mesmo tempo propor as pessoas idosas uma participação política de forma organizada, crítica e propositiva; Sensibilizar os profissionais para o debate em torno do processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas nos diversos espaços sociais.

RISCOS E DESCONFORTOS: não há riscos previsíveis.

QUANTO A PARTICIPAÇÃO OU NÃO DOS SUJEITOS NA PESQUISA: Sua participação na pesquisa não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. A recusa não trará nenhum prejuízo e a desistência não acarretará nenhuma penalidade e não causará represálias de qualquer natureza na relação com o pesquisador ou com a Unidade de Atenção ao Idoso - UAI.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Ao concordar com a pesquisa, você terá que responder a um questionário sobre o processo de envelhecimento grupo focal. As reuniões do grupo focal serão gravadas. Explicaremos todo o procedimento que será realizado durante a pesquisa, como será realizada, para que servirão os dados e informações e demais materiais coletados do participante da pesquisa, bem com o tratamento a ser dados a eles.

BENEFÍCIOS/RESULTADOS ESPERADOS: Os benefícios da pesquisa estão relacionados diretamente em apontar o que as pessoas idosas compreendem por participação política e apontar um norte para a UAI poder trabalhar com os usuários o a participação política e os resultados esperados é Contribuir para o aprimoramento dos profissionais e estudantes por meio do conhecimento em relação ao processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas na atualidade; Contribuir para com o debate atual sobre o processo de envelhecimento e, ao mesmo tempo, propor as pessoas idosas uma participação política de forma organizada, critica e propositiva; Sensibilizar os profissionais para o debate em torno do processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas nos diversos espaços sociais.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: não haverá nenhum gasto com sua participação na pesquisa. Todos os procedimentos da pesquisa serão totalmente gratuitos e você não receberá nenhuma cobrança com o que será realizado. Salientamos também que você não receberá nenhum pagamento com a sua participação nas reuniões do grupo focal.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: na análise de dados da pesquisa, utilizaremos nomes fictícios para preservar e manter o sigilo do participante. Em momento algum, divulgaremos o nome da pessoa envolvida nesta pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura do Orientador Responsável: _____

APÊNDICE: C



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nome do participante: _____
Data de nascimento: ____/____/____ Sexo: M () F ()
Documento de identidade:nº _____ CPF.: _____
Endereço: _____ Nº _____
Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____
Cep: _____ Fone: _____ idade: _____

Eu, _____,
declaro, para os devidos fins, ter sido informado(a), verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa **ENVELHECIMENTO E PARTICIPAÇÃO**. O projeto de pesquisa será conduzido por **Wanderley Cesar Pedrosa** portador do RG.: -----SSP----, CPF.: -----, participante do Programa de Pós-Graduação em **Serviço Social**, orientado pela **Profª Dra Josiani Julião Alves Oliveira**, da UNESP-FRANCA-SP, portadora do **RG.:** -----, CPF.: -----, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/UNESP/Franca. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação da Tese, observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. Ao final da pesquisa esperamos poder: Contribuir para o aprimoramento dos profissionais e estudantes por meio do conhecimento em relação ao processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas na atualidade; Contribuir para com o debate atual sobre o processo de envelhecimento e ao mesmo tempo propor as pessoas idosas uma participação política de forma organizada, crítica e propositiva; Sensibilizar os profissionais para o debate em torno do processo de envelhecimento e a participação política das pessoas idosas nos diversos espaços sociais.

Foi esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Franca, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante

Pesquisador Responsável: Wanderley Cesar Pedrosa

Endereço: Rua Dom Bosco, 496, Frutal-MG.

Telefone: -----

E-mail: wanderleypedrosa@yahoo.com.br

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Josiani Julião Alves Oliveira

Endereço: Rua Joaquim Nabuco, 135 Castelo, Batatais - São Paulo, CEP.: 14.300-000,

Telefone: -----

E-mail: j_sersocial@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Unesp – Campus de Franca
Av. Eufrásia Monteiro Petraglia, 900 - Jd. Dr. Antônio Petraglia – CP 211. CEP: 14409-160 – FRANCA – SP
Telefone: (16) 3706-8723 - Fax: (16) 3706-8724 - E-mail: comiteetica@franca.unesp.br